

Valdenice Raimundo
Teresa Cristina Vital de Sousa
Delânio Horácio dos Santos
Cirlene Francisca Sales da Silva
Organizadoras(es)

JARDIM DE MEMÓRIAS

onde rebrotam raízes



Valdenice José Raimundo
Teresa Cristina Vital de Sousa
Delânio Horácio dos Santos
Cirlene Francisca Sales da Silva
Organizadoras(es)

JARDIM DE MEMÓRIAS

onde rebrotam raízes

FASA
1ª EDIÇÃO

Recife
2022

Copyright © 2022 Valdenice José Raimundo et al

Valdenice José Raimundo
Teresa Cristina Vital de Sousa
Delânio Horácio dos Santos
Cirlene Francisca Sales da Silva

Organizadoras(es)

Adelson Boris

Ilustração

Antônio Coutelo Henrique de Moraes

Revisão

Lílian Oliveira

Editoração Eletrônica e capa

FASA GRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA

J37 Jardim de memórias [recurso eletrônico] : onde rebrotam raízes /
organizadoras (es) Valdenice José Raimundo ... [et al.] -- 1. ed.
-- Recife : FASA, 2022.
159 p.: il.

ISBN 978-65-86359-77-0 (E-Book)

1. Memória autobiográfica- Aspectos sociais. 2. Memória.
I. Raimundo, Valdenice José, (et al. orgs).

CDU 920.91

Luciana Vidal CRB-4/1338

PREFÁCIO

MEMÓRIAS CIRCULARES

Há um quê de semelhança nas histórias coletivas da população nordestina, talvez pela sua geografia humana composta da significativa presença negra e em menor quantidade, branca e indígena. Esta manifestação apresentou-se sobremaneira no livro JARDIM DE MEMÓRIA – onde rebrotam raízes, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Raça, Gênero e Políticas Públicas da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. Coube a mim a honra de prefaciá-lo e confesso vivenciar os sentimentos de vulnerabilidade em decepcionar a indicação e de bem estar considerando o prazer que a temática memória me provoca. E em tempo de enxurradas de água e terra desabrigando e matando muitas pessoas no Brasil, destruindo memórias de uma vida inteira encontro aqui em cada filha ou filho, neta ou neto, enxurradas de afetos e apreços relatos das suas mais velhas, dos seus mais velhos, presentes ou ausentes capazes de ativar hormônios da felicidade.

Muito do que foi dito me leva a rememorar as minhas experiências no aconchego da casa matriz, até hoje presente nas minhas falas, nos meus escritos e nos meus sonhos, literalmente. E gosto muito de vivê-los. Outras,

porém, passaram longe de mim, as que mais me impactaram são as referências ao avô, à avó. Este prazer eu não vivenciei, seja por parte de mamãe, seja por parte de papai. E como eu sinto por esta ausência nunca preenchida! Ainda bem que tenho a experiência de ser avó, com o encantamento limitado, sem aquela de dizer que avó permite tudo.

Pela leitura atenta das descrições aqui explícitas parece-me que todas e todos que as relatam são de Pernambuco, de todas as regiões que recortam esse mapa com suas devidas características políticas, geográficas, humanas. São 19 (dezenove) escritos para acrescentar às diversas áreas do conhecimento: humanas, biológicas, exatas, sociais, em uma correlação explícita para os estudos demográficos.

As relações étnico-raciais estão bem contempladas com a exposição da pobreza da maioria da população do estado resultado da sua histórica oligarquia política sacramentada nos prolongado status dos senhores de engenho e seus diversos parceiros “coronéis” espalhados alhures, um poder construído a despeito das inimizades e dos acordos e entregues aos seus jagunços, pondo a salvo a ilibada reputação de mãos limpas para governar ou indicar quem governaria o estado ou o município. Daí os bem nascidos e seus herdeiros ao contrário da singular massa explorada com seus corpos desnutridos reproduzindo crianças desnutridas e a conseqüente mortalidade infantil elevada em um ciclo conferido até em um passado recente. O poderio dos usineiros chegou à construção de um enorme hospital específico. Quem hoje

vê o Hospital Barão de Lucena talvez não saiba que se chamava Hospital dos Usineiros. Eu ainda o conheci com este título a cerca de pouco mais de 50 anos. Será que os trabalhadores dos engenhos teriam acesso ao mesmo? Duvido. Os “anginhos” eram cedo substituídos por outros e a linguagem corriqueira resumia-se em “Deus levou”... Tornaram-se números nas histórias das famílias paupérrimas.

Sabemos que o diabetes e a hipertensão arterial acometem com maior gravidade às pessoas sem uma assistência adequada à saúde e são vários os registros das mortes descritas nas falas dos netos e das netas. Mesmo manifestando-se significativamente na população negra, faz diferença se as pessoas com estes agravantes têm um atendimento especializado a contento. (Tenho uma experiência familiar a compartilhar: embora meu pai tivesse à sua disposição um bom serviço de saúde – era funcionário federal – não era cuidadoso de fazer consultas médicas regulares, faleceu aos 65 anos após um infarto fulminante, mesmo tendo uma vida que hoje eu classifico de hábitos saudáveis: deixou o cigarro, não bebia álcool, corpo atlético, comida com pouco sal e sem gordura. Com a surpresa do seu falecimento, descobrimos a hipertensão de mamãe e a partir de então ficou acompanhada sistematicamente e chegou aos 84 anos vítima de um AVC. Somos quatro filhas, todas hipertensas desde os 50 anos ou menos; rigorosamente medicalizadas a mais nova já alcançou os 71 anos de idade e nenhuma é portadora de diabete, companheira frequente de quem tem hipertensão arterial).

Os estudos de gênero encontram aqui uma fartura de significados das muitas avós e de muitos avôs: a criação dos irmãos mais novos, o casamento infantil, a gravidez precoce, a maternidade como missão, a tolerância aos relacionamentos fora de casa e até a criação do fruto destes. Notáveis também são as rebeliões: a fuga da casa, a saída do casamento abusivo, casar as vezes que lhe era apazível, ser dona do seu dinheiro no enfrentamento de qualquer ocupação, carnavalescas, vô deslumbrado. Em meio a tantos opostos encontramos constelações exemplares de casais acolhedores da família de um ou do outro cônjuge como membro permanente dentro das condições financeiras existentes.

A educação formal não foi um direito para a maioria da primeira geração analisada por diversas circunstâncias com um lastro de analfabetos e/ou analfabetos funcionais que driblaram de variadas formas as condições apresentadas para viverem no meio da sociedade letrada. Poucos superaram o que hoje é chamado de ensino fundamental e mudaram o status social familiar. O quadro de educação da maioria, porém, está sendo modificado através dos seus descendentes, uns com o orgulho da oportunidade de lhes homenagear neste JARDIM DE MEMÓRIAS.

Nas ciências sociais cabe a fala das religiões cristãs incluindo a benzedeira com sua reza criativa, as de origens africana e afro-indígena. A cultura da parteira, os pés e as mãos sempre disponíveis para andar léguas seguidas a fim de receber uma nova vida, cuja retribuição era ser chamada de comadre, mãe e abençoar os inú-

meros rebentos que ela assistiu. O prestígio da parteira foi tardiamente reconhecido, grupos do movimento feminista colaboraram para isto. Quando os hospitais públicos admitiram uma minoria delas em seus quadros, eram deveras exploradas pelo obstetra do dia, que, ao final do plantão assinava as fichas dos prontuários dos nascimentos no plantão, partos que ele não fizera. Foram depoimentos ouvidos na rodas de conversas nas nossas reuniões. (eu nasci pelas mãos de uma parteira, Baía).

Quem pode esquecer o mutirão na Casa de Farinha para a produção da farinha que alimentava anualmente a família e ainda a distribuía à vizinhança parceira? Aliás, quem conhece a engrenagem da Casa de Farinha com seus artefatos? Ela ainda é encontrada em atividade ou é peça de museu? Ah! os sabores do pé de moleque!... Descobri aqui a pissica, uma novidade desde o nome. Mas a umbuzada me é familiar, a descobri em Caicó, no sertão do Seridó do Rio Grande do Norte aos 4 (quatro) anos de idade, onde a produção do umbuzeiro era fértil e o seu doce era comum nas cozinhas e nos pratos – cá prá nós – é de lamber o prato. Vamos reflorestar o sertão plantando umbuzeiro, ele é privilégio do semiárido nordestino, possivelmente o seu fruto rico, em minérios e vitaminas sustentaram a pobreza alimentar reinante na região. Nas demais regiões, os quintais e as roças cumpriram a função de matar a fome quando o feijão e a farinha escasseavam. Os quintais! Os netos dos nossos netos conhecerão quintais? E aquela fruta madura colhida com as mãos?!... Sabores iguais não há.

As mais velhas e os mais velhos apresentados nos presentes relatos não imaginariam que anos depois ainda fosse frequente o casamento infantil, tampouco que a mortalidade da juventude negra atingisse um patamar no nível atual, capaz da censura de órgãos internacionais que estão longe de abalar a política de segurança pública do Estado, em qualquer um dos seus níveis; e que, com a abundância da variada agricultura do país tornando-o o terceiro maior produtor do mundo em alimento, hoje, tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome. Se alguns sofreram o racismo virulento saibam que atualmente ele está exacerbado, e tenham certeza que, pelas senhoras e pelos senhores, desde as últimas décadas do século passado tomamos o enfrentamento para nós, os racistas foram surpreendidos e fazem de tudo para desqualificar a nossa voz e ações. E não vamos parar enquanto for preciso.

O feito excepcional de buscar o fio da memória através dos documentos civis das avós e dos avôs reafirma a importância do registro do nascimento, um obstáculo vivido por algumas crianças nos dias atuais, com consequência prejudicial ao direito básico de existir socialmente. Os registros foram umas das múltiplas contribuições para puxar o fio da meada das vidas lembradas no JARDIM DE MEMÓRIAS! Só estou mais convencida do valor incomensurável de contar histórias em volta da mesa ou nas páginas de um livro. Por esta dádiva, eu sou muito grata em ter conhecido pessoas com vidas tão singulares. Axé!

Inaldete Pinheiro de Andrade, 75 anos de idade, ativista do movimento negro, escritora, autora de Travessias, ed. da autora, 2019; Escritos das Escravidades, 2021 e Escritos das Liberdades, 2021, ambos pela Amazon; As aventuras do Velho Baobá, 2022, Pequena Zahar.

Inaldete Pinheiro de Andrade

Recife, 26 de fevereiro de 2022

APRESENTAÇÃO

Porque escrever é um ato de resistência!

Resistiremos...

Aqui estão registradas as memórias e as raízes de um jardim onde sempre brotou a esperança. Um fruto de várias mãos, diversas histórias e significativas referências. Um produto do Grupo de Estudo e Pesquisa em Raça, Gênero e Políticas Públicas, vinculado ao curso de Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco, coordenado pelas professoras Valdenice Raimundo (líder) e Teresa Sousa (vice-líder).

Desde 2012 o Grupo de Estudo e Pesquisa em Raça, Gênero e Políticas Públicas realiza suas atividades estimulando pesquisa e extensão no âmbito acadêmico e, portanto, tem se constituído em um rico espaço de desenvolvimento intelectual, construção do conhecimento, numa relação de ensino-aprendizagem entre docentes e discentes. A cada ano vemos aumentar a busca pela inserção no grupo. Hoje, conta-se com a participação de 37 integrantes. Anualmente escolhemos uma atividade, uma temática central para ser focada nos encontros quinzenais, os quais, nestes últimos dois anos, foram realizados de forma online, mas isso não implicou em perda de entusiasmo nos debates e reflexões. Pelo contrário,

seguimos em meio ao Ensino Remoto Emergencial, utilizando as tecnologias de informação e comunicação; ao teletrabalho; e tantas outras atividades cotidianas.

Para o ano de 2021 a temática escolhida foi a questão da velhice, pois entendemos que esta fase da vida implica em vários aspectos, inclusive falta de valorização e abandono. Fizemos leitura e discussão de vários textos e nas falas muitos relatos foram surgindo a partir da história de vida de cada participante. Desta forma, nos movemos para realizar o resgate das histórias de vida de nossas mais velhas e mais velhos que, ao longo da vida, foram ou tem sido referência no nosso caminhar.

Assim, surgiu a ideia desse e-book denominado de Jardim de Memórias onde rebrotam raízes, no qual encontra-se o registro de dezenove textos, escritos por alunas de diversos períodos do Curso de Serviço Social da Unicap, assim como algumas de suas professoras e professor, e outras e outros participantes não vinculados à referida instituição de ensino superior. São elas e eles: Alexandra Santos, Andrielly Silva, Cintia Souza, Cirlene Silva, Delânio Santos, Érica Lima, Giovana Silva, Jacirelle Alves, Jéssica Silva, Liêdo Nepomuceno, Mariana Barbosa, Miriam Costa, Mônica Pereira, Natacha Melo, Sandyelle Sena, Taluana Lidiana, Teresa Sousa, Thisbe Abage e Valdenice Raimundo.

Estas autoras e autores entregam as leitoras e leitores suas melhores referências, casulos que as(os) alimentam e servem de sustentáculos na dinâmica das suas vidas. Um mosaico de pedras preciosas, ou mesmo um jardim com sua diversidade de caule, folhas, flores e frutos, por-

tanto que espelham a unidade na diversidade. Unidade de base, de suporte e estímulo para seguir caminhando. Sim, seguiremos! Esse sistema de produção (capitalista) que oprime, massacra, explora, dizima, não nos impedirá de trilharmos nosso caminho de mãos dadas com aquelas(es) que nos precederam e com a “nova geração”. As nossas mais velhas e mais velhos, as nossas ancestralidades, toda reverência!

Valdenice José Raimundo
Teresa Cristina Vital de Sousa
Delânio Horácio dos Santos
Cirlene Francisca Sales da Silva
Organizadoras(es)

Recife, verão de 2022

SUMÁRIO

MEU PAINHO

Alexandra Bezerra dos Santos

15

MÁRIA E SUAS RAÍZES

Andrielly Larissa Andrade Silva

22

SOBRE VIVER

Cintia Lizandre Santos de Souza

31

RESISTÊNCIA AO MEMORICÍDIO: REFLEXÕES SOBRE MINHA ORIGEM INDÍGENA

Cirlene Francisca Sales da Silva

41

MINHA AVÓ: UMA FORÇA QUE NOS ALERTA

Delânio Horácio dos Santos

49

RESSIGNIFICANDO NOSSAS HISTÓRIAS: UM RESGATE À NOSSA ANCESTRALIDADE

Erica Pereira de Lima

58

AS HISTÓRIAS QUE COMPÕEM MEU EU

Giovana Borges da Silva

62

QUE TENHAMOS FORÇA E CORAGEM PARA BUSCAR O NOSSO MELHOR

Jacirelle Alves Grilho da Silva

70

A HISTÓRIA DE DONA ZEZÉ: JOSEFA DA SILVA ALVES CAVALCANTE

Jessica Jerlane de Jesus Silva

76

RAÍZES DO MEU UMBUZEIRO SAGRADO

Liêdo Gomes Nepomuceno

85

MINHAS RAÍZES <i>Mariana Barbosa da Silva</i>	94
A VIAGEM RUMO À ANCESTRALIDADE <i>Miriam Gary de Oliveira Costa</i>	102
MARIAS DE LOURDES: PASSADO E PRESENTE! <i>Mônica da Silva Pereira</i>	110
EURÍDICE ELEUTÉRIA CAMPOS: MULHER, FILHA, MÃE, AVÓ, BISAVÓ E MINHA PRIMEIRA INSPIRAÇÃO <i>Natacha de Melo Fragoso</i>	115
QUE COISA BOA É TER AVÓS! <i>Sandyelle Feitosa de Sena</i>	121
DEIXA QUE EU CONTO: AS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE JOSÉ PAULO (PAI) <i>Taluana Lidiana da Silva</i>	129
ENTRE CACTOS E SUCULENTAS: UMA FLOR DO SERTÃO (MAINHA) <i>Teresa Cristina Vital de Sousa</i>	133
MÃE CARMINHA – BREVE APRESENTAÇÃO DA MULHER INCRÍVEL QUE EU GOSTARIA DE TER CONHECIDO UM POUCO MAIS <i>Thisbe Drielle Martins Abage</i>	139
TANTAS EM UMA: UMA NARRATIVA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DAS HISTÓRIAS OUVIDAS E VIVIDAS SOBRE E COM MINHA VÓ <i>Valdenice José Raimundo</i>	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
JARDIM DE PALAVRAS VIVAS O LEGADO <i>Maria Lúcia Gomes dos Prazeres</i>	157
O LEGADO <i>Maria do Rozário Cláudio (Ir. Rozário)</i>	158

MEU PAINHO

Alexandra Bezerra dos Santos¹

O presente e breve texto visa a apresentar um pouco da história de meu pai, Paulo Ricardo. Pernambucano, natural da cidade de Olinda, o segundo de quatro filhos do casamento entre Paulo Gomes e Ivanilda Ricardo, também naturais da cidade de Olinda, Pernambuco. Tendo como irmãos dois rapazes e uma moça.

A propósito, sou a Alexandra, primogênita de Paulo Ricardo, e de quem tenho muito orgulho de falar e fazer parte da trajetória de reconstrução da história de vida.

Estando num país como o Brasil, onde a cada vinte e três minutos morre uma pessoa negra (WAISELFISZ, 2016), que o percentual de homicídio dessa população cresceu em 11,5% entre 2008 e 2018 (Atlas da Violência, 2020), e ainda lidando com os números da população negra exposta (a) e morta pela Covid-19, conforme apontam estudos (PECHIM, 2020), poder celebrar os 67(sessenta e sete) anos do meu pai, cuidado, e bem, sendo ele homem negro, periférico, não alfabetizado, mas que conseguiu construir sua família e dar todo suporte à esposa e filhas, já me sinto vitoriosa.

¹ Pedagoga e Assistente Social pela UFPE. Especialista em Direito Social e Política Pública pela Fafire. Especialização em Gestão e Mediação de Conflito no Contexto Escolar. Professora

Nascido em julho de 1954, Paulo Ricardo estudou até os 8 (oito) anos de idade, cursando apenas primeiro ano do Ensino Fundamental I. Não conseguiu ser alfabetizado, e os motivos para não continuar estudando passam por vários problemas estruturais da época, mas que ainda vemos nos dias atuais. Dentre eles, posso destacar alguns, sempre comentados durante o jantar ou quando jogamos conversa fora.

Sendo sinistro (canhoto), era obrigado a escrever com a mão direita durante o período em que frequentou a escola e quando tentava realizar as tarefas escolares em casa. Essa violência contribuiu para o retardo no desenvolvimento escolar, gerando traumas relatados ao longo da vida. Paralelo a isso, e pelo fato de ainda não estar conseguindo ler e escrever, o seu pai determinou que, se ele não sabia ler nem escrever, precisaria trabalhar porque estudar não daria futuro.

Assim, aos oito anos de idade, meu pai, Paulo Ricardo, começou a trabalhar carregando água para algumas pessoas da comunidade em que morava. Segundo ele, a atividade era chama de “água de ganho”. Outra atividade que ele desenvolvia na época era carregar barro, também destinada a atender aos pedidos dos vizinhos.

Sempre trabalhando e lidando com as dificuldades e violências sofridas dentro de casa, meu pai viu a família ir se desestruturando ao longo dos anos. A mãe, após usar álcool de forma abusiva e sofrer violência doméstica constante e ser portadora de hipertensão e diabetes, veio a falecer (desconhecemos detalhes). A irmã perdeu a virgindade durante a adolescência e foi posta para fora de

casa. O irmão mais velho começou a cometer pequenos delitos até chegar a cometer delitos maiores e ser detido por muitos anos. O pai do meu pai morreu antes de chegar à terceira idade. Também era usuário de álcool de forma abusiva, possuía diversas comorbidades, e, após passar mal na rua, faleceu. Segundo relatos da minha mãe, quase foi enterrado como indigente, e tudo isso aconteceu logo após o meu nascimento, 1983/1984.

Antes de falecer, o pai do meu pai se desfez de tudo de valor que poderia deixar para os filhos. A pequena quantia em dinheiro que restou e ficou aos cuidados de uma das irmãs para cuidar do seu filho caçula (meu tio) foi gasta - pela própria irmã - com compras de móveis novos para a casa. Como meu pai já morava sozinho há tempos, e na época da morte, ele já estava casado, o desenrolar dos fatos só serviu para que ele se afastasse definitivamente da família paterna. A família materna sempre foi ausente e nunca se falou sobre ela. Muitas histórias que conhecemos é porque nossa mãe nos contou, algumas em segredo.

Atualmente, meu pai possui raros contatos familiares. A cisão na família foi tão grande, que minha irmã e eu, conhecemos apenas o irmão caçula dele. Falecido em 2000. Nunca tivemos qualquer tipo de contato com outras pessoas da família dele.

Aos 27 anos de idade, meu pai casou-se com minha mãe, e, após dois anos de casados, vem meu nascimento. Muitas foram as crises financeiras que eles passaram juntos. Por vezes, meus avós maternos seguraram a situação quando tudo estava mais difícil do que se poderia

imaginar. Meu pai, sem estudos, conhecendo o mínimo sobre letras e números, sempre ocupou-se em profissões dignas, mas que traziam pouco retorno financeiro. Por muitos anos, trabalhou como zelador na construção civil, mas todos com contratos temporários.

Sempre dedicado e comprometido com seus afazeres e o sustento da sua família, meu pai passou por diversas atividades, até que na década de 1990, começou a trabalhar em condomínios. Primeiro como zelador e depois como porteiro. Parte significativa da sua vida profissional foi em portaria noturna, independente de dias úteis ou não. Nessa época, minha irmã caçula já havia nascido (1988). Cresce a família, cresce o custo, consequentemente, crescem as preocupações.

No início do casamento, como conta minha mãe, meu pai falava sobre ela não precisar trabalhar. Minha mãe nunca aceitou. Sempre frisou que nunca esperaria apenas por ele para poder ter as suas coisas, as coisas para as filhas ou para dentro de casa. Segundo ela, se tivesse dado atenção ao que ele falava, as crises teriam sido bem maiores e piores.

Outro ponto que minha mãe disse que sempre insistiu era de que a nossa criação fosse totalmente diferente da criação que ele teve. E assim, foi que aconteceu.

O mais importante de poder narrar essa história é que minha irmã e eu, podemos dizer que tudo que temos, devemos a dedicação deles, e ao papel de pai que ele sempre teve. Ainda que nos momentos mais difíceis que eu consigo me recordar, ele sempre manteve-se dedicado, zelando pela família que ele construiu.

Meu pai, ainda que sem estudos, nunca falou que trabalhar viria antes de estudar. Sempre frisou e priorizou que nos dedicássemos aos estudos para que a nossa vida fosse menos árdua que a dele. Tudo que conseguimos alcançar é porque ele sempre nos deu suporte, e tendo ao seu lado, minha mãe e sempre soube como compreender e apoiá-lo.

Muitos nos falam que meu pai não aparenta possuir algumas doenças degenerativas, tais como a Diabetes Tipo 2, hipertensão e cardiopatia. No entanto, para o mercado de trabalho, doenças, da velhice, são sinônimos de improdutividade.

No penúltimo vínculo, onde ele trabalhou por dezenove anos, após alguns afastamentos por causa da diabetes e da cirurgia para colocar o marcapasso, ele foi desligado.

O último vínculo ocorreu em 30 de junho de 2014, a dois dias de completar os sessenta anos de idade. Na época, o convencemos de que era a hora de ele dedicar-se a cuidar da saúde e ele já tinha feito muito por todas nós.

Atualmente, com os seus 67 (sessenta e sete) anos e aposentado, falamos que ele é avô em tempo integral, pois cuida da neta desde o término da licença-maternidade da mãe. A chegada da neta contribuiu para dar outro sentido à vida dele. Não havia mais o sentimento de não ser útil. E agora, ele mesmo diz que pode ficar tranquilo, e as lembranças tristes são histórias, raramente lembradas.

Acervo Pessoal



Acervo Pessoal
(1984) Aniversário de
1º ano – Alexandra,
pais e padrinhos

Acervo Pessoal
Aniversário de 5 anos
de Alexandra – Ana Paula
com 2 meses de vida

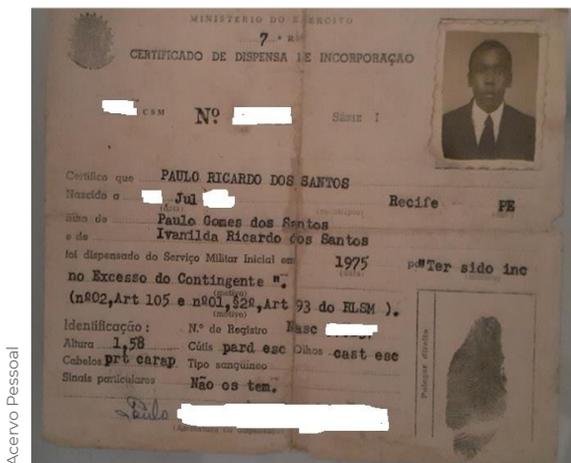


Acervo Pessoal

Acervo Pessoal



Acervo Pessoal.
Dia dos Pais, 2021



Meu pai na juventude

Referências

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2020**. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf> Acesso em: 20 ago. 2021.

PECHIM, Letícia. **Negros morrem mais pela Covid-19**. Faculdade de Medicina. UFMG. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016**: homicídios por arma de fogo no Brasil. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2016/08/Mapa2016_armas_web-1.pdf Acesso em: 20 ago. 2021.

MARIA E SUAS RAÍZES

Andrielly Larissa Andrade Silva¹

Sempre tive curiosidade de conhecer meus antepassados, minhas origens, meus antecedentes. Em conversa com minha avó Maria e um dos seus irmãos Emanuel, eles sempre citavam que minha bisavó se chamava Nany. Uma das histórias que minha bisavó Joana contava era que mãe Nany tinha vindo da mata com vários cachorros e logo foi cristianizada e domesticada por pessoas daquela região, o que não sabemos é se foi na cidade ou no engenho.

Fruto de um relacionamento no qual seu cônjuge é desconhecido, Nany teve mãe Antônia e lhe repassou alguns costumes, como não cortar o cabelo, por exemplo. Antônia se casou com um homem negro, cujo nome não se sabe, e um de seus filhos foi minha bisavó, que se chamava Joana Pereira de Souza, nascida no dia 29 de janeiro de 1919. Ela sempre comentava com seus filhos sobre seus pais. Dizia que sua mãe era uma mulher forte, amável e que seu pai era um homem rígido, que não tinha muitas conversas com os filhos. Parafraseando Bell Hook, em seu texto “ Vivendo de Amor (2010)”, sabemos que o sistema escravocrata impede a capacidade de amar de

¹Graduanda em Serviço Social pela Universidade Católica de Pernambuco

muitos negros e negras, que testemunharam atrocidades com familiares, amigos e companheiros.

Minha Bisavó Joana casou com Inocêncio Coelho de Souza e teve vinte filhos, sendo que um deles era minha avó Maria. Maria e seu Irmão Manoel me contaram que sempre, nas rodas de conversas, sua mãe falava sobre sua avó e seus pais, pois seus filhos não tiveram a oportunidade de conhecê-los.

Chamo-me Andrielly, neta de Maria Coelho de Souza. Resolvi resgatar as histórias da minha querida e amada vó, uma dos vinte filhos/filhas de Joana Pereira e Inocêncio de Souza, que foram trabalhadores do campo. Maria nasceu no dia 24 de dezembro de 1940 no engenho Conceição - Buenos Aires, localizado na zona da mata de Pernambuco (PE). Minha avó era conhecida de várias formas, a saber: Vó Maria, Dona Maria, Maria de Zé Pade, Maria de Oscar e Sonega.

Dona Maria teve uma infância permeada por trabalho infantil na plantação de alimentos e ajudando sua mãe nos deveres de casa, tendo seu direito ao estudo negado naquela época. Aos quatorze anos, conheceu Oscar Francisco de Andrade no engenho Conceição, onde trabalhava nas plantações para o dono do engenho, Zeca Correia, em troca de moradia. Vó Maria e Vô Oscar passaram um ano namorando e, logo em seguida, quando ela completou seus quinze anos, casaram-se e ela passou a se chamar Maria Coelho de Andrade, tendo vinte filhos. O primeiro deles se chamou José.

No ano de 1980, Maria e Oscar se mudaram para a cidade (Buenos Aires-PE). Seu marido Oscar passou a tra-

balhar na Usina Água Branca, cortando cana, e ela cuidava da casa e dos filhos, cujos nomes eram: José, Luiz, Antônio, Emanuel, Oscar, Maria, Lúcia, Nalva, Luiza, Maria Helena (binha), Helena Maria (Lena) – irmãs gêmeas – e Lindaci, sete dos filhos acabaram falecendo na infância por volta do primeiro ano de idade.

Sua filha Maria Helena, mais conhecida como Binha, uma das irmãs gêmeas, com oito dias de nascida, acabou sendo levada para o Engenho onde morava Vó Joana e Vô Inocêncio para ser criada. Com 43 anos, Dona Maria deu à luz a sua filha caçula, que se chama Sandra Coelho de Andrade.

Em 1992, seu marido Oscar foi diagnosticado com um câncer na garganta com seus cinquenta e oito anos, e, no dia 5 de julho do mesmo ano, acabou falecendo. Sandra era seu xodó desde bebê, e se tornou uma das filhas muito apegadas a seu pai, tendo que se despedir dele aos oito anos. Maria ficou viúva com cinquenta e dois anos, passando a receber benefícios e trabalhando no roçado para manter a casa. Seus filhos trabalhavam no Engenho de Água Branca, cortando cana. Lúcia, Maria e Nalva se casaram e passaram a morar no Recife, onde Luiza começou a trabalhar como empregada doméstica.

Helena permaneceu morando em Buenos Aires, trabalhando como empregada doméstica. Lindaci e Sandra cuidavam da casa. Sandra continuou frequentando a escola e, aos quatorze anos, conheceu o seu primeiro namorado Sandro; e, aos 15 anos, engravidou de sua primeira filha. Maria, logo que descobriu, expulsou-a de casa, pois, além de seu pensamento conservador e sua postura

rígida, ela tinha o sonho de ver a filha com o ensino médio completo e com sua festa de casamento.

Assim que eu (Andrielly) nasci no ano 2000, semanas depois Vó Maria mandou um recado para minha mãe (Sandra), querendo me conhecer e se reconciliar e reconhecer seu erro de ter expulsado a filha de casa. Ainda hoje, nas nossas conversas, ela refere que pede perdão a Deus por este ato e sempre se emociona quando minha mãe lhe cuida, presenteia, trata da parte burocrática e sempre resolve questões de sua saúde.

Vó Maria nunca foi muito de expressar seu carinho pelos filhos e netos. Ela sempre foi uma mulher rígida, de voz firme. Muitos falam que ela parece com seu avô, marido de Antônia, mas que sempre teve um coração enorme para ajudar seus filhos e seus netos. É presente, liga diariamente para saber como andam seus filhos e netos. Ela começou a demonstrar seu lado afetivo com qualidade de tempo, - passando mais tempo com seus filhos e netos, dedicando atenção e cuidado através de diálogos e ligações - como define o escritor Gary Chapman (2013) sobre as cinco linguagens do amor.

Pessoalmente, dona Maria adora receber abraços e cheiro. Aos cinquenta e oito anos, conseguiu sua aposentadoria como trabalhadora rural, pois passou boa parte da vida trabalhando no Engenho Conceição e em Água Branca. Aos setenta e cinco anos, foi diagnosticada com problema de saúde, sendo o momento mais difícil de sua vida, pois fez lembrar de seu marido Oscar, que havia falecido por questão semelhante.

Submeteu-se a uma cirurgia e, atualmente, continua fazendo tratamento medicamentoso, e faz exames anualmente. Dona Maria sempre foi católica e devota de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora de Fátima. Gosta de acompanhar os terços e as missas em casa. E eu vejo muita fé nela, não por ser uma praticante fiel de sua religião, mas por entregar os momentos difíceis a seu Deus e não se deixar abalar, além de agradecer todos os dias pelas conquistas diárias. Atualmente, Maria, com seus oitenta anos, tem vinte netos e oito bisnetos.



Acervo Pessoal

Assistindo a Missa

Acervo Pessoal



Maria Coelho de Andrade e Oscar Francisco de Andrade

Acervo Pessoal



Dona Maria, Lindaci, Luiza, Sandra, Luis, Antonio, Helena Maria(Lena), Lindaci, Antonio



Acervo Pessoal

Seu genro Sandro, Neta Andrielly e Sandrielly,
filha Sandra



Maria e sua
Neta Andrielly

Acervo Pessoal



Acervo Pessoal

Dona Maria



Acervo Pessoal

Lindaci e seu sobrinho
Misael no braço, Sandra e
seu pai Oscar

Acervo Pessoal



Acervo Pessoal

Joana Pereira de Souza

SOBRE VIVER

Cintia Lizandre Santos de Souza¹

Contar a história de alguém é desafiador e uma enorme responsabilidade, principalmente se essa pessoa é alguém a quem tanto se ama. Ao ser provocada pelos coordenadores do Grupo de Estudos e Pesquisas em Raça, Gênero e Políticas Públicas, a contar a história de alguém da minha família, logo pensei: vou falar da minha tão amada e admirada mãe, que é tudo para mim e já não está entre nós. Mergulhei nesse desafio, só não imaginei que me debruçar sobre sua história de vida me provocaria tantas reflexões sobre a realidade social brasileira.

Por isso, escrevo esse texto, quase ele todo, no misto de sentimentos e emoções: algumas vezes com um nó na garganta, outras com uma postura incômoda de alguém que se indigna diante de tamanha violação de direitos, mas principalmente muito feliz. A alegria que me toma vem do fato de acreditar que a história de vida, de minha mãe, precisa sim ser escrita. Seria egoísmo de minha parte não querer que outros e outras conhecessem a jornada desse ser de luz.

¹Assistente Social pela UNICAP, Especialista em Direito Social e Políticas Públicas pela FAFIRE.

A história da minha mãe é marcada pelo afeto, felicidade e, sobretudo, por muito amor. Ao mesmo tempo, enquanto mulher negra que era, teve uma vida de privação, de negação de direitos e enfrentou muitos desafios superados com muita criatividade, quase que a ausência do Estado e muito jogo de cintura.

No ano de 1959, na Cidade de Camaragibe, no dia 11 do mês de dezembro, nascia Gizelia Lizandre Santos de Souza, filha de Alcino Manoel dos Santos e Hilda Alves dos Santos, minha tão amada mãe. Dona Zélia, como minha mãe era conhecida e como eu escolhi aqui chamá-la, foi uma mulher feliz, de luta e que nunca desanimou diante dos diversos desafios que a vida lhe apresentara, ela nunca deixou de lado sua coragem para resistir e superar as adversidades.

Filha do meio, de uma família de oito irmãos, minha mãe se deparou muito cedo com a face do sistema capitalista perverso que com suas várias faces, aliado ao racismo e sexismo, moldou caminhos desafiadores em sua vida. Diante disso, ela experimentou uma vida de privações ao que se refere ao acesso a direitos, em decorrência da ausência do Estado em garantir os mínimos necessários à sua sobrevivência e da sua família.

O trabalho foi a única escolha possível em sua vida, pois aos dois anos dona Zélia perde o pai, o responsável por garantir o sustento da família, e a situação que até então era bastante confortável acaba mudando radicalmente. Minha avó, por ausência de informação e por ser iletrada, perdeu a pensão por morte, deixada pelo meu avô, que ficou com outra mulher de um relacionamento

extraconjugal que ele tinha. Com isso, minha avó sozinha, precisou prover o sustento de seus filhos.

Junto com minha avó, moravam seus sete filhos naturais: Carlos Manoel, Marcos Antônio, Fernando Manoel, Geruza Bezerra, Gizelia Lizandre, Maria Severina e Ana Paula; uma filha adotiva: Kátia Cristina - que posteriormente ela descobriu que era filha de meu avô de outro relacionamento que ele teve, e, como ele havia falecido, a mãe da criança acabou deixando na porta da minha avó.

Além de minha mãe e meus tios, também moravam com minha avó Hilda uma amiga sua de nome Alzira com seus três filhos que não tinham onde morar e acabaram morando junto com minha avó, pois, apesar dos mínimos necessários para sua sobrevivência serem poucos ou quase nulos, o que não faltava à família era acolhimento e afeto.

Minha mãe viveu uma boa parte de sua infância e juventude no bairro da Torre em Recife-PE, e a casa em que ela morava era alugada e bastante humilde. A casa ficava à beira do rio; quando chovia muito, entrava água e como consequência, eles perdiam o pouco que tinham, diante de tanta privação financeira. Foi em uma dessas cheias que minha avó acabou perdendo as joias que havia ganhado do meu avô, no período em que eram casados.

Com a mãe trabalhando em “casa de família”, passando o dia todo fora de casa, o direito ao acesso à escola é retirado de minha mãe, pois, aos cinco anos de idade, ela já era responsável pelo cuidado e alimentação dos seus irmãos mais novos, lavava roupa na beira do rio e

também se responsabilizava pela limpeza e organização da casa.

Aos nove anos de idade, Dona Zélia passa a trabalhar como empregada doméstica e encontra em seu caminho uma “patroa perversa”, que a tranca em um quarto e diz-lhe que ela só iria sair de lá quando aprendesse a fumar cigarro. A dura realidade de vida que minha mãe levava tirou dela inclusive a oportunidade de ter uma vida mais saudável, pois depois daquele dia nunca mais minha mãe parou de fumar.

Aos treze anos, ela conhece meu pai Mauro Alexandre de Souza, com quem se casou – aos dezessete anos – e viveu até o último dia de sua vida. Passou a morar na cidade de Paulista-PE e teve quatro filhos naturais: Alcina Michele, Fábio Alexandre, Cintia Lizandre e Paulo Vinícius. Apesar da união ser fundamentada no amor de ambos, casar-se para minha mãe também significou poder contribuir de forma significativa para o sustento de seus familiares. Então, quando se casou, trouxe para morar consigo dois irmãos: Ana Paula e Carlos Manoel; e duas sobrinhas: Chirle Andrea e Jacilene Cristina. Voinha também passa a morar conosco até o dia de sua partida.

Apesar de não ter fortuna, meus pais sempre conseguiram, as custas de muito trabalho, o sustento e o necessário à nossa sobrevivência. Eu costumo dizer que a casa da minha mãe acabou sendo o porto seguro de sua família, pois sempre que algum irmão seu estava em dificuldades financeiras, acabava passando uma temporada na casa de minha mãe.

Nós morávamos em uma casa bem humilde de dois quartos, sala, cozinha e um banheiro, mas cheia de afeto, alegria e espaço para quem tivesse precisando. A casa era pequena, mas estava sempre cheia, não só de pessoas de “sangue”. Mainha era uma mulher acolhedora e sempre que podia e alguém precisava de abrigo ou qualquer tipo de ajuda, ela estava lá para contribuir. Lembro-me que teve uma época que moravam dezesseis pessoas em nossa casa, entre tios, primas, cunhados, irmãos e amigos.

Minha mãe era uma mulher cheia de fé, positiva, feliz, amava dançar e aproveitou a vida como se cada minuto fosse o último. Com ela, aprendi o significado da palavra felicidade, que família a gente nunca abandona, que é possível dividir uma galinha para dezesseis pessoas, que filho que nasce da barriga não é mais importante do que aquele que nasce em nosso coração, que precisamos sempre nos lembrar daqueles que ainda não almoçaram e estão na rua, que demonstramos amor de várias formas. Uma delas era quando ela preparava com muito carinho nosso humilde, porém delicioso café da manhã. E o mais importante, dona Zélia me ensinou que com muita dedicação, fé, família e união, se vence as adversidades.

Minha mãe cuidou dos seus filhos como uma guerreira, dedicou-se com maestria ao cuidado, não apenas dos filhos, minha mãe cuidava de todos. Mas ela poderia ser muito mais que isso. Escrevendo sua história, fica evidente a gama de mulheres que havia dentro dela. Não sabia ler, mas fazia cálculos como ninguém, equilibrava as contas da casa, a compra de alimentos, a compra de

roupas e calçados para todos os seus filhos – nas datas festivas que era quando tínhamos roupa e sapatos novos – e ainda conseguia guardar um dinheirinho para suas cervejinhas no final de semana.

Era minha mãe quem administrava os salários dos meus irmãos mais velhos quando eles se inseriram no mercado de trabalho. Lembro-me que quando minhas irmãs Michele e Chirle abriram uma ótica, era minha mãe a verdadeira administradora, pois ela orientava como deveriam ocorrer os desligamentos e contratações dos funcionários, quanto minhas irmãs deveriam gastar e quanto teriam de deixar em caixa como capital de giro. Até sobre as vendas minha mãe as orientava.

Apesar de ter estudado muito pouco, dona Zélia nunca deixou de nos incentivar, por vezes até obrigar (risos), a seguir pela via dos estudos. Todos os filhos da minha mãe terminaram o ensino médio e três deles são graduados (eu, Jacilene e Fábio). Foi ela a minha maior incentivadora para ingressar em uma graduação. Minha mãe acreditou tanto em meu potencial que eu lembro de pensar: até parece que eu conseguirei ingressar em uma universidade.

Quando me formei, minha mãe já não estava entre nós, mas me lembro de dedicar cada vitória da minha vida acadêmica a ela: minha maior incentivadora. Não só pelo seu amor e dedicação, as dedicatórias se deram principalmente pelo meu privilégio de acessar um espaço que foi negado a minha mãe e a todas as mulheres negras da Família Santos que vieram antes de mim e de minha irmã.

Quanto a questão racial, lembro que ela questionou a mim e minhas irmãs por escolhermos um homem negro como companheiro e fazia questão de dizer que nunca havia namorado um negro, pois ela já era negra. Naquela época eu, enquanto uma mulher que também internalizava os valores de quem nos oprimiu, não entendia muito bem as ideologias por trás desse discurso. Atualmente, sei que essa é apenas uma de muitas faces do sistema racial estrutural brasileiro, e que as vezes, perceber esses nuances, como Djamila Ribeiro (2020) pontua, é difícil até mesmo para quem já refletiu um pouco sobre a temática.

Hoje entendo e reconheço que além das diversas violações de direito que minha mãe foi vítima, dela também foi retirado o direito de se reconhecer enquanto mulher negra. De acessar sua história ancestral, de conhecer a história do Quilombo dos Palmares, de Dandara de Aquatune e de tantos outros e outras.

Mas de certa forma, a história dos guerreiros e guerreiras se fizeram presentes na vida de minha mãe, na forma de força ancestral. Ela carregou em si durante toda vida sua ancestralidade. Ancestralidade essa que a guiou e orientou do nascimento até o último dia de sua vida. E me apoiando nos escritos de Gonzalez (1982), pontuo que dona Zélia foi - e continua sendo - o sustentáculo econômico, afetivo e moral de nossa família, pois mesmo diante de tantas adversidades, ela nunca deixou de lado sua coragem, alegria e vontade de viver.

Minha mãe partiu no dia que ela mais amava: no domingo. Ela costumava dizer que partir dessa vida dor-

mindó é uma honra concebida à poucos seres humanos, e quis a espiritualidade que essa fosse a forma que ela se despediria desta terra e dos seus. Dona Zélia era um ser que não se intimidava com a dureza da vida, que ensinou aos seus que devemos acreditar nos nossos sonhos e trabalhar duro se quisermos alcançá-los.

Sua partida prematura, aos cinquenta e dois anos, me ensinou que a vida deve ser vivida com a intensidade e a garra de alguém que sabe que nossa passagem aqui é breve, e que cada momento deve ser aproveitado de forma intensa com aqueles que amamos.

Termino de escrever sua história, com uma frase que minha mãe me disse no fim de sua jornada, após uma de muitas dores que teve em consequência de seu problema cardíaco: “teu pai fala que, mesmo com essa doença, eu não paro de beber, de dançar e de aproveitar a vida. Até parece que já morri. Tô viva! A dor passou? Eu vou viver!”

Referências

GONZALEZ, Lélia. “A mulher negra na sociedade brasileira”. In: Luz, Madel, T., org. **O Lugar da Mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Acervo Pessoal



Casamento de Cintia

Aniversário de 1 ano.
Cintia com os pais



Acervo Pessoal



Acervo Pessoal

Aniversário de Cintia de 1 ano. Pais, padrinho e avó materna



Acervo Pessoal

Casamento de Cintia. Família Santos e Souza

RESISTÊNCIA AO MEMORICÍDIO: REFLEXÕES SOBRE MINHA ORIGEM INDÍGENA

Cirlene Francisca Sales da Silva¹

“(…) Para que o indígena não seja um indigente, um alcoólatra, um escravo ou exilado, Ou acampado à beira duma estrada, Ou confinado e no final um suicida, Já velho ou jovem ou – pior – piá. Demarcação já!” (Carlos Rennó. Demarcação Já)

Krenak (2019, p. 14), um certo dia em profunda inspiração, refletiu “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”.

Talvez, por muitos dias, andei sem entender o meu caminho/missão, o real sentido da minha existência, que nasceu com minhas origens... Povoava os meus pensamentos, a seguinte indagação: por que o convite, em tantos momentos, para criar o que não existe? Por que a vida me leva por esses caminhos...? Freud justificaria dizendo que “nada é por acaso, há um determinismo psíquico”, no qual, eu acredito.

¹ Professora, Psicóloga, doutora e mestre em Psicologia Clínica, especialista em Gerontologia e Intervenções Clínicas

Destarte, um certo dia, participando de um grupo de estudos, a coordenadora proferiu a seguinte expressão: “os povos indígenas são também chamados de povos originários” (RAIMUNDO, 2021). Meio século peregrinando, mas, aos 50 (cinquenta) anos, acho que encontrei uma resposta... Esta que me foi negada pelo destino, pois não obtive a oportunidade de conhecer as minhas origens, os meus ancestrais... Tataravós, Bisavós, avós maternos e paternos, órfã da avosidade.

Quem poderia me contar a história foi calada pelas crueldades da vida, há 70 (setenta) anos, por ocorrência de feminicídio... A minha avó materna, que foi brutalmente assassinada aos 26 (vinte e seis) anos... Era um segredo de família, “proibido falar...”. Foi embora a guardiã da minha origem... Mas a vida, por meio do Grupo de Estudos, oportunizou-me refletir em busca do passado perdido... E, assim, fui embora atrás das minhas origens....

A caminho do resgate....

Cascavilhando o passado, parei sob a carteira de identidade da minha mãe (de saudosa memória), que me remeteu aos registros documentais dos meus avós, bisavós e tataravós, todos/as originários da Cidade de Limoeiro, interior do Pernambuco, cidade que foi primeiro povoada pelos povos indígenas Tupi, terra natal do meu povo. Minha mãe sempre referia: “seus cabelos são longos, estirados, você tem esses traços, porque é descendente de indígenas”.

A cidade do Limoeiro foi uma aldeia de indígenas Tupis. Os muitos pés de limão deram o seu nome. A presença dos não indígenas só vem a tornar-se permanente

no século XVIII, quando o padre Ponciano Coelho foi enviado para catequizar os nativos daquele lugar.

Tataravós maternos

Manoel Galvão da Silva e Maria Francisca da Silva, ela, originária da tribo indígena Tupi, deles não obtive mais registros.

Bisavós maternos



Acervo Pessoal

Severino Francisco da Silva e Regina Francisca da Silva. Ela, nascida em Limoeiro, no ano de 1909. Minha bisavó materna vivia com um marineiro. Após o nascimento da minha avó, veio embora de Limoeiro para o Recife. Aqui, conheceu um estivador do Porto do Recife e foi morar com ele.

Ela faleceu aos 73 anos, logo após a partida dele (resultante de um acidente no trânsito, foi atropelado por uma carreta).

Avós maternos

Antônio Arruda de Barros e Severina Francisca da Silva. Minha avó materna nasceu no ano de 1925, em Limoeiro, faleceu aos 25 (vinte e cinco) anos em 1950, grá-

vida do terceiro filho, vítima de feminicídio. Ela foi assassinada na Mercearia do Sogro, por um senhor que queria ter um caso com ela e foi rejeitado. Se estivesse em vida, teria 96 (noventa e seis) anos. Quanto ao meu avô materno, não tive oportunidade de conhecê-lo e nem de acesso às suas memórias.



Acervo Pessoal

Mãe

Cirlene da Silva Sales, natural de Limoeiro/PE, minha doce Mãe. Nasceu em 1945, no município de Limoeiro, estudou até a 3ª série do 1º grau (antigamente). Infelizmente, assistiu a toda a cena do assassinato de sua mãe/minha avó, ela tinha cinco

anos de idade e foi morar com minha bisavó materna, junto com seu irmão. Aos 13 (treze) anos, foi entregue por minha bisavó em pagamento a uma dívida. Com esse senhor que a comprou, casou e teve seis filhos. Este a agredia/maltratava muito e a abandonou, com as crianças pequenas, quando tinha 26 (vinte e seis) anos de idade. Ela viveu uma vida muito dura, mas nos criou com muito carinho; foi nossa mãe e pai. Aos 70 (setenta) anos, em 2016, foi abatida por uma Leucemia Linfocítica crônica, que agudizou, faleceu jovem, mas nos deixou um grande legado “amar e cuidar”. Hoje, ela estaria com 75 (setenta e cinco) anos.

Eu, Cirlene Francisca Sales da Silva

Que faço com a minha cara de índia? e meus cabelos e minhas rugas e minha história e meus segredos?

Que faço com a minha cara de índia? e meus espíritos e minha força e meu tupã e meus círculos?

Que faço com a minha cara de índia? e meu toré e meu sagrado e meus “cabôcos” e minha terra

Que faço com a minha cara de índia? e meu sangue e minha consciência e minha luta e nossos filhos?

Brasil, o que faço com a minha cara de índia? não sou violência ou estupro eu sou história eu sou cunhã barriga brasileira ventre sagrado povo brasileiro hoje está só ... a barriga da mãe fecunda e os cânticos que outrora cantavam hoje são gritos de guerra contra o massacre imundo (ELIANA POTTIGUARA, 2018, p.29-30).

Parafraseando a autora supracitada, “que faço com a minha cara de índia? e meus cabelos e minhas rugas e minha história e meus segredos?” Sigo em resposta com a afirmação de Kambeba (2019, p.24): “a cultura é um rio corre manso para os braços do mar. Assim não existem fronteiras para aprender, lutar e caminhar. (...) Hoje estamos nas Universidades, levamos junto nosso lugar, a construção do conhecimento é uma teia, que liga a tua cidade com minha aldeia”. Hoje, na universidade, busco cumprir minha missão indígena, enquanto povo originário: trazer à existência pesquisas e ações que colaborem para qualidade de vida e dignidade da pessoa idosa, nas quais todos os povos e seguimentos sociais estão

incluídos. Mormente, já que não tive minha avó, cuido de todos/as avós que Deus me presenteou.

Isso porque entendemos que, para além do maior alcance da longevidade, que levará o Brasil a ser o 6º país no mundo em número de idosos/as em 2025, o Brasil é um país pluriétnico, com um cenário de ricas diversidades de povos indígenas, negros e brancos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no seu Censo de 2010 estima-se a existência de 896,9 (oitocentos e noventa e seis mil e novecentos) indígenas. Desse total, 36,2% encontram-se residindo na área urbana e 63,8%, na área rural. Na área urbana, a Região Sudeste detém o maior percentual de indígenas (80%); e, na Região Norte, a área rural possui 82% de indígenas, sendo a região do país que concentra o maior percentual de indígenas, o equivalente a 342 (trezentos e quarenta e dois) mil. Levantou-se que, no território Nacional, há 305 grupos étnicos e 274 (duzentos e setenta e quatro) línguas indígenas. Vale ressaltar que o quantitativo expresso pelo censo difere da realidade, haja vista a complexidade desse mapeamento e outras questões que o envolvem. Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), é possível afirmar que há presença de indígenas em todos os Estados da federação; e que ainda há registro de indígenas não contatados, além da existência de grupos que lutam por reconhecimento étnico. Por outro lado, atualmente entidades como o Conselho Indigenista Missionário/CIMI e o Centro de Trabalho Indigenista/CTI são conhecidas pelo trabalho pautado na autonomia e na garantia de direitos constitucionais.

Diante do exposto, resta-nos a indagação: “O que podemos fazer mais pelos povos indígenas, enquanto universidade?”.

Breve consideração....

Para finalizar esta simples reflexão, retomo a minha avó materna, Severina Francisca da Silva, o coração das tecituras aqui elencadas. Sua história, “Segredo de família”, inspirou-me a realizar duas especializações, um mestrado e um doutorado em busca de uma resposta para o que ocorreu com ela. Destarte, compreender o que aconteceu, o contexto, as entrelinhas, o que impulsionou uma pessoa a tirar-lhe a vida, a vida de uma mulher de origem indígena. Assim, sigo em busca de contribuir de algum modo para combater a violência. Aqui está um pouco das minhas origens...

Vamos em frente! Rumo à construção de um mundo melhor para esse seguimento social do qual sou representante.

Referências

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O Brasil Indígena, 2010.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Educação Indígena. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena> Acesso em 28 de out.2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019.

POTIGUARA, Eliane. *Metade Cara, Metade Máscara*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Grumin Edições, 2018. Site oficial: www.elianepotiguara.org.br

RAIMUNDO, Valdenice José. *Grupo de Estudo, Pesquisa, Raça, Gênero e Políticas Públicas*, 2021.

MINHA AVÓ: UMA FORÇA QUE NOS ALERTA

Delânio Horácio dos Santos¹

A Maria Aparecida da Silva, minha tia, quem primeiro escreveu um diário sobre minha avó.

A possibilidade de (re)visitar a história de minha avó foi um trilhar nos pavimentos das memórias coletivas de alguns familiares, na minha socialização junto a minha mãe e ela, e nas minhas lembranças da infância à juventude, morando nos fundos de sua casa – onde eu transitava em busca de afetividades da matriarca da família (assim como a considero), de minha mãe e tia.

Minha avó foi *Maria do Socorro da Silva*! Talvez não seja o tempo verbal apropriado para me referir a sua história, pois as memórias e o que ela ainda representa para mim e seus entes – em especial, suas filhas – resistem ao tempo que segue seu curso.

Maria do Socorro da Silva nasceu no dia catorze de fevereiro de mil novecentos e trinta e dois, de cor “morena”, em Bezerros, situado no agreste do estado de Pernambuco, também conhecido nacionalmente como “Terra do Papangu”. Terceira filha de um arranjo familiar

¹ Assistente social, professor do Curso de Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco.

composto por três irmãs e dois irmãos. Seu pai foi *Pedro Laurentino da Silva (in memoriam)*, e sua mãe, *Joana Maria da Conceição (in memoriam)*. Suas irmãs e irmãos, por ordem de nascimento, são: Maria Joaquina, Joaquim Laurentino (*in memoriam*), Cecília Maria (*in memoriam*), Severino José (*in memoriam*), Geralda Maria.

Morou em Bezerros junto a seus pais e seus irmãos até perto do início de sua adolescência. Mudou-se para Paulista-PE, nas mediações entre os bairros de Jardim Paulista Baixo e Mirueira, em 1942, aos dez anos. Sua família veio em busca – assim como um considerável número de homens e mulheres – de emprego nas nascentes fábricas dos polos industriais brasileiros. Nesse contexto, no qual se empregava a força de trabalho feminina e infantil, passa a trabalhar na Companhia de Tecidos Paulista, em mil novecentos e quarenta e seis, aos quatorze anos².

Alguns empregados da Companhia recebiam uma fração de terra para plantar e domesticar animais. Assim, seu pai buscava suprir as necessidades de sua família com o pequeno salário que sua filha percebia, e com os provimentos da terra concedida. É no cotidiano de trabalho na fábrica de tecidos que minha avó conhece José Lionel da Silva (1919-1989), homem mais velho treze anos, à época fiscal de tecelagem da Cia. Lionel já tinha uma família constituída, mas se viu “obrigado” a casar-se por “imposição” do Sr. Pedro Laurentino a fim de que se pre-

² Século XXI, e o trabalho infantil ainda serve de base para a expansão e valorização dos interesses das classes dominantes, resultando em uma perversa face das violações de direitos conquistados através de movimentos progressistas em defesa da infância e da adolescência.

servassem a “moral e os bons costumes”.³ Deste relacionamento, nascem Elizabete Assunção da Silva⁴ (1952) e Maria do Socorro da Silva Filha (1957).

Faz-se necessário trazer à tona a união abusiva entre o Sr. Lionel e a minha avó. Nunca ouvi seus relatos sobre o que passo a narrar. Escrevendo me vem à lembrança a canção Fera Ferida, composição de Roberto Carlos⁵ e Erasmo Carlos, que expressa o olhar de minha avó por vezes sisudo, vago, ao pensar em sua união: “Eu sei, as cicatrizes falam, mas as palavras calam. O que eu não me esqueci”.

Esse enlace foi marcado por muitas situações violentas: de violência física a psicológica. Expressando o poderio do “macho”, minha avó era subserviente ao seu esposo, lavando os seus pés quando chegava do trabalho, por exemplo. Conta minha tia Elizabete que, uma vez, minha avó tentou ir para o Rio de Janeiro, casa de um parente, e seu marido tomou conhecimento. De pronto,

³ Tal “imposição” permeia o constructo sócio-histórico do patriarcado e de suas expressões em torno do exercício de poder do homem (hétero, burguês, branco) sobre a mulher (CISNE; SANTOS, 2018). O machismo, estruturalmente, cerceia a socialização feminina, imprime controle sobre o desenvolvimento objetivo e subjetivo das mulheres; busca ocultar suas bases calcadas numa suposta superioridade a-histórica, imutável, natural, do “sexo” masculino sobre o feminino.

⁴ Aos 17 anos, prestes a trabalhar, minha tia Elizabete tomou conhecimento de que não se chamava “Maria Elizabete da Silva”, nome escolhido por minha avó. Precizando de seu Registro de Nascimento, em posse de seu pai, foi até sua casa e, ao ler tal documento, identificou que foi registrada com o sobrenome da primeira esposa de seu genitor. Este justificou ter realizado *a violação do direito de sua filha e a negação de maternidade à minha avó*, porque precisava receber um auxílio governamental para custear os cuidados de suas filhas. *Relatos de minha tia aos prantos, deixando claro que nunca superou não ser reconhecida legalmente como filha de Maria do Socorro da Silva.*

⁵ Cantor predileto de minha família. Até hoje embala as festas e reencontros dos “mais antigos” e dos “mais jovens”.

buscou sua esposa enquanto ela comprava passagem na rodoviária; a trouxe para casa e a esmurrou, fazendo-a cair e machucar a testa. Sem saber a quem recorrer, minha avó foi até a casa da outra família⁶ de seu marido. Antes de ir, o Sr. Lionel a ameaçou, dizendo-lhe que confessasse ter caído. Chegando lá, a primeira esposa de seu cônjuge a acolheu, cuidou de seus ferimentos. Nota-se, através do relato dessa violência – pois houve outras situações que não serão evidenciadas devido aos limites da estrutura do texto – o quanto a demarcação dos territórios (as duas casas onde o Sr. Lionel transitava) era por ele naturalizada, como se tivesse “direito” em exercer sua “masculinidade”. Farta das corriqueiras práticas de violência, minha avó rompe o casamento com o Sr. Lionel, o expulsando de casa.

Em seu segundo relacionamento, com Guilherme Antônio da Silva (meu avô materno), nascem suas três filhas: Maria de Lourdes da Silva (1962), minha mãe; Maria Aparecida da Silva (1963) e Maria Cristina da Silva (1968). Nesta época minha avó já havia saído da Companhia de Tecidos Paulista, e, com o dinheiro de sua demissão e economias, compra uma casa em Paratibe, bairro de Paulista-PE. Ao não laborar mais na Cia., passou a trabalhar informalmente na Feira Livre de Paratibe, aos finais de semana, vendendo biju⁷.

De má sorte em seus dois relacionamentos, com o Sr. Guilherme as situações de violências se expressaram

⁶ Antes de se casar com minha avó, o Sr. Lionel já era casado, com filhos.

⁷ Bejú, beiju ou biju, alimento milenar de origem indígena. É derivado da mandioca, feito através da fécula, amido extraído da raiz.

diversamente, pois este também tinha uma união extra-conjugal. À outra família nada faltava. Já à família secundária, formada com a minha avó e suas filhas, o cotidiano era desprovido de recursos e de alimentos.

Visitava a minha avó alguns dias da semana, como quem invade um espaço (a casa) e um corpo e se apropria deles.

Minhas tias e minha mãe cresceram sob o “encanto” do casamento como sinônimo de garantia de proteção e estabilidade financeira providas por um marido. Minha avó era analfabeta; as filhas tinham baixa escolaridade à época – com exceção da caçula que fez magistério e contabilidade. Quando criança, e até o início de minha juventude, o fato de minha avó ser analfabeta não revelava as contradições de nascer e se “desenvolver” sob os ditames de uma vida privada de oportunidades. Ao realizar a pesquisa documental e as entrevistas com minhas tias e minha mãe, deparei-me com sua Cédula de Identidade, na qual não se via assinatura da portadora, apenas o carimbo da digital de seu polegar. Essa imagem causou-me tristeza e fez-me refletir que minha avó “passou pelo mundo” sem o encanto do saber ler e escrever⁸.

Retomando a história da relação entre minha avó e o meu avô, eis que, no ano de 1977, – não sei precisar a data – o Sr. Guilherme a abandona e as suas filhas, indo para São Paulo. Na “terra da garoa”, estabelece uma nova

⁸ No entanto, era admirável sua forma de memorizar as letras do alfabeto. Quando necessitava lembrar das compras do fiador, numa mercearia de minha tia Cristina, escrevia apenas a primeira letra do nome. Ela passava horas a fio, sozinha, esperando minha tia voltar do comércio, ou me pedia para anotar num caderninho com dívidas dos clientes.

família; sobrevive como comerciante informal; nunca mais retorna a Paratibe/Paulista⁹.

Após a “partida” de meu avô, minha avó não mais se casa. Cria suas filhas sozinha. Já casadas, com exceção da mais nova, trabalham e/ou são “donas de casa”¹⁰. O trabalho com o comércio, principal fonte de renda, marca a vida de suas filhas. Aposenta-se e passa a sobreviver através de um salário-mínimo. Nasceram seus netos e neta, que também são criados com sua ajuda.

Chego a me aproximar de uma possível síntese dessa história. Todavia, as memórias revisitadas por minha mãe e minhas tias não alcançariam a riqueza de elementos da trajetória desta mulher a quem me referi como matriarca da família. Sua velhice foi permeada por limitações neurológicas – as associo a sua vinculação com o trabalho precarizado, às experiências das violências sofridas, ao não acesso à educação, aos “traumas”. Aos dez dias do mês de julho de dois mil e catorze, sofre uma queda no banheiro, que resulta numa fratura de fêmur. Passa pouco mais de duas semanas internada, e falece acompanhada de meu primo Fred Jorge Batista da Silva (seu cuidador no plantão), na madrugada do dia vinte e oito do mesmo mês.

⁹ O ano de seu falecimento é desconhecido por minha mãe e minhas tias.

¹⁰ Registro o quão é imprescindível, porém desvalorizado, o trabalho doméstico para a reprodução humana. Na vigente sociabilidade burguesa, esse trabalho classificado como “improdutivo”, também faz mover a engrenagem da história e contribui na reprodução da força de trabalho, o que é primordial para a valorização do capital (FEDERICI, 2021). Mulheres têm a jornada de trabalho ininterrupta, salvaguardadas as interconexões entre classe, raça e gênero, que expressam de forma heterogênea os impactos da extensão do trabalho em casa para o emprego nos variados espaços laborais (BIROLI, 2018).

Lembro-me dos dias que a acompanhei no Hospital; de quando ela disse às enfermeiras, quando rendi o(a) acompanhante: “chegou a alegria lá de casa”; de quando ela comeu a refeição completa do almoço, dada por mim, um dia antes de sua partida; do quanto desejei vê-la de volta a sua casa. Saí do Hospital angustiado, coração pequeno, desejoso de vê-la reagir. Porém, celebro sua história, sua resistência, sua integridade. E pareço ouvi-la cantar, como uma “passarinha”¹¹: “se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi!”

Minha ancestralidade



Minha avó e suas irmãs e irmã (da esquerda à direita): Maria Joaquina Maria do Socorro/minha avó (in memoriam), Geralda Maria, Cecília Maria (in memoriam), Severino José (in memoriam).

¹¹ Assim minha tia Maria Aparecida passou a chamá-la em seus últimos anos de vida, já debilitada.



Acervo Pessoal

Minha avó e suas filhas, respectivamente: Maria de Lourdes (minha mãe), Maria Aparecida, Maria do Socorro Filha, Elizabete Silva, Maria Cristina



Acervo Pessoal

Minha avó e seus netos e sua neta (da esquerda à direita): Delânio, Elias Júnior, André, Luizy, Dalônio, Fred

Referências

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. Fera Ferida. Sony BMG Music Intertainment, 1982.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2018. (Biblioteca básica de serviço social; v. 8)

FEDERICI, Silvia. O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo, volume 1. Tradução: Heci Regina Candiani. - 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.

RESSIGNIFICANDO NOSSAS HISTÓRIAS: UM RESGATE À NOSSA ANCESTRALIDADE

Erica Pereira de Lima¹

A história que será contada é a história da minha mãe, dona Gerusa Pereira de Lima. Nascida em Recife no dia 06/06/1947, filha de dona Maria de Lourdes Pereira de Lima e Antônio Caetano de Lima, ela foi criada em uma família de 18 irmãos; mulher forte, de grande personalidade, dotada de uma sabedoria ímpar e de um amor incondicional aos animais. Originária de uma família pobre, passava as maiores privações. Sendo assim, desde pequena, sempre buscou ter alguma renda, realizando pequenos trabalhos. Como muitas crianças pobres, começou a trabalhar em casas de família, ganhando muito pouco, sem carteira assinada, nem direito algum.

Mainha destaca sempre uma das casas de família em que ela trabalhou, a de Dr. Geraldo e dona Socorro, no bairro de Apipucos. É de lá que ela relata, com saudades, as primeiras pessoas que a acolheram tão bem. Afirma, também, que deixou essa casa com a morte de Dr. Geraldo e porque tinha outros sonhos, sonhos maiores, queria

¹ Formada em Serviço pela UFPE. Especialista em Gestão de Projetos e Programas Sociais pela Unicap. Atualmente trabalha no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP).

ser babá de crianças e trabalhar em um colégio. Outras oportunidades surgiram, mas ainda não eram o que ela queria. A primeira foi um teste na Empresa Bombril; ela relata os detalhes do dia do teste: “eu não sabia de nada, afirma. Fui chamada entre muitas, mas não sabia fazer conta. Eu conheci uma menina lá, ela passou e eu não!”.

Depois de muitos encontros e desencontros, chegou ao Colégio Visão, em 1972, antigamente chamado de Colégio Novo do Recife: “eu não tinha nem o dinheiro da passagem, não tinha sandálias, nem nada. Cheguei no Colégio e fui atendida por uma senhora que disse que naquele colégio não aceitavam ninguém de rua”. «Mas eu não sou da rua», ela respondeu. Persistência é uma de suas qualidades, e foi assim que ela conseguiu falar com o dono do colégio; ele pontuou que «tinha uma vaga, mas já tem uma pessoa pra preencher, porém gostou tanto da minha conversa e de mim que se eu chegasse no outro dia, antes da outra pessoa, seria contratada!»

No outro dia, acabou perdendo o horário e, para piorar, não tinha nem o dinheiro da passagem. Resultado: foi a pé mesmo, do bairro de Sucupira até a Estância. Chegando ao colégio, «O dono disse que a outra pessoa já havia chegado, mas iria ficar comigo, gostou da minha conversa. Eu disse que queria trabalhar no Colégio, ter meus direitos, não gostava de solidão».

Ela relatou que trabalhava com tanta vontade, que não ficava um papel no chão... Trabalhou até a aposentadoria. Filhos, netos, todos a reconheciam e respeitavam sua história. Linda e dura história, por sinal. Sempre foi muito coerente e firme das suas convicções, qualidades

que permitiram sua sobrevivência em meio a um ambiente tão diferenciado.

Com relação à situação amorosa, mainha é extremamente reservada, de poucos relacionamentos, sendo o último com o meu pai há 36 anos. Ao descobrir que estava grávida, foi para São Paulo, pediu demissão e passou um bom tempo até meu nascimento em 28/03/1985. Ela contou que «Não durou muito nossa vida em São Paulo, era muito frio e o nível de vida muito alto, voltamos para Pernambuco». A vida profissional também foi retomada, com a volta ao Colégio Visão. Desdobrava-se como mãe, sozinha, para casa, trabalho, e eu, filha única. Ela comentou que o dono do Colégio Visão dizia, «Gerusa, você não quer colocar sua filha aqui? Como você é orgulhosa!». Ela respondia “Não é orgulho, é por conta da idade, ela é muito pequena, acredito que ela não iria se adaptar”. E ele respondeu, “Traga ela aqui e nós faremos o teste». Essa foi a argumentação feita pelo dono do colégio, mas para minha mãe, além desse motivo, existia uma questão de independência financeira, que para ela sempre foi muito importante, em outras palavras, pagar uma boa escola para a filha era uma questão afetiva e moral.

Assim, eu fui a primeira filha de funcionário a conseguir uma bolsa de estudos, mainha sentia toda a emoção desse momento. Porém, alisar o cabelo, usar maquiagem clara, não se sentir aceita e sentir-se feia faziam parte do seu dia a dia. Autoaceitação sempre fez parte da vida da minha mãe, mas incrivelmente não faziam parte da minha. O racismo me afetou de outras formas. Contudo, sentíamos firmes e fortes, e, então, passaram-se 17

anos, concluí o Ensino Médio, muitas alegrias e tristezas também. Talvez daí tenha surgido o meu afeto tão grande pelos animais.

Alguns anos mais tarde, eu consegui entrar na UFPE, orgulho é pouco para Mainha. Ela espalhava aos quatro cantos, eu fui a segunda da família a entrar numa universidade pública, quanta felicidade. Foi justamente nesse período que se iniciou o nosso processo de desconstrução e autoaceitação. A começar pelos nossos cabelos, que nunca tinham sido soltos, desde o nascimento. Assim, comecei o curso de Serviço Social e meu estágio, mas continuamos passando dificuldades, pois se manter em uma universidade pública, vindo de uma família pobre, não é fácil. Mainha sempre valorizou os estudos, apesar de não ter tido essa oportunidade. Relata que, desde os primeiros anos de escola, passou por inúmeras situações de racismo e maus-tratos e acabou “desgostando” da Escola. Não tinha livros, nem caderno, nem nada que a estimulasse naquele ambiente, daí desistiu.

Nesse caminhar, nós desabrochamos, descobrimos-nos e aceitamos nosso corpo, cabelo e história. Um longo processo que ainda permanece. Entre questionamentos, alteridade e mudanças, seguimos juntas nas nossas descobertas e angústias, em um mundo onde o fardo que as pessoas pretas carregam não é fácil.

AS HISTÓRIAS QUE COMPÕEM MEU EU

Giovana Borges da Silva¹

Das histórias que mais me fascinam, as da minha família me tocam mais. Certa vez, minha tia-avó, Irene Gomes Sá da Cruz, contou sobre como a sua avó costumava sentar-se com os seus netos, rezar um terço e conversar sobre diversos temas. E, nesses diálogos, surgiam vários questionamentos, um deles sobre o tamanho do cabelo de sua avó, gerando uma conversa viva em minha família até os dias de hoje. Na ocasião, a avó explicou que o tamanho de seu cabelo, a sua cor e a estrutura capilar eram herança genética de seus pais, esses que foram capturados ainda crianças em meio a uma mata, no estado de Alagoas, por vaqueiros que possuíam um costume de caçar na região.

As duas crianças, que eram indígenas e vivam na “boca da mata”, usufruindo do que ela oferecia e como seus encantados (espíritos da floresta) permitiam, passaram por um processo de cristianização e “domesticação”, quando “salvos” por pessoas que os viam como primitivos e desfavorecidos por viverem apenas de forma diferente do que era visto como comum na cidade. E, com esse doloroso processo, teve início a história de nossa família na

¹Graduanda em Serviço Social pela Universidade Católica de Pernambuco.

cidade. As crianças, seus pais, receberam o nome de Maria e José, para que, assim, ambos conseguissem se sentir pertencentes ao novo lar e a sua nova família. Maria e José cresceram, casaram-se e construíram uma boa vida.

Dentre tantas admiráveis e notáveis histórias, como a descrita acima, há outra da família de minha avó bastante interessante, a do seu pai Manuel Laurindo de Sá. O pai de Laurindo era um fazendeiro português que residia em Serra Talhada, sertão de Pernambuco, já sua mãe era uma mulher preta que trabalhava na cozinha da casa grande que ele morava. Meu bisavô passou quatorze anos convivendo com a família branca, sendo submetido a vários tipos de violências, lutou pela oportunidade de estudar, algo que era bem restrito na época, e, com passar dos anos, conseguiu se desvincular dos abusos e foi morar com a família de sua mãe Maria, sendo popularmente conhecido como “Manuel de Maria”. Quando mais velho, casou-se com Maria Nogueira de Sá, sendo a família Nogueira também muito influente em Serra Talhada, e, curiosamente, ambos viveram na época de Lampião, conhecido como o Rei do Cangaço, o mais famoso cangaceiro brasileiro que atuou na região do sertão nordestino do Brasil.

Filha mais velha do casal Laurindo e Nogueira, minha avó paterna, Espedita Gomes de Sá, nasceu no dia 05 de setembro de 1931 em Serra Talhada, nada simpática, mas uma mulher forte e muitíssimo respeitada em sua cidade e por seus familiares. Entre suas várias ocupações, era conhecida por ser parteira de sua família e das pessoas de sua comuni-



Manuel Laurindo de Sá, sua neta Reciclecia e sua filha Espedita Gomes de Sá e Silva



Espedita Gomes de Sá

dade, e, mesmo depois da criação de um hospital na cidade, continuou acompanhando muitas mulheres no momento do parto.

Dessa forma, as crianças tinham o costume de lhe pedir a “benção” como ato de respeito. Além disso, trabalhava com agricultura e criava alguns animais, gostava de ter seu próprio dinheiro e independência, mostrando ser muito à frente do seu tempo; casou-se três vezes e teve nove filhos. Tinha o catolicismo como religião, mas “se converteu” ao protestantismo quando mais velha, morreu com 82 (oitenta e dois) anos, em 2013.

Por fim, Henrique Arnaldo da Silva, meu pai. Nascido em Serra Talhada, um dos nove filhos de Espedita, perdeu seu pai Antônio André muito cedo, o que dificultou ainda mais a sua infância pobre. Contudo, apaixonado por linguagens, ciências humanas e teologia, foi para Recife muito novo para estudar e buscar melhores condições de vida.

Acervo Pessoal



Espedita e sua
Tataraneta Luiza

Espedita e seu filhos mais
novos Henrique e Lucia



Acervo Pessoal



Acervo Pessoal

Henrique Arnaldo
da Silva

Nessa cidade, graduou-se em teologia e logo começou a exercer a sua profissão tão amada, a de pastor evangélico. Teve seus três primeiros filhos, Jeferson, Gyslaynne e Dayvson, construindo sua primeira família. Em 1991, formou-se em licenciatura plena em educação, e, após o divórcio, gerou uma segunda família, tendo mais duas filhas, Giovana e Júlia Borges.

Para além da paternidade, exerceu também o ofício de professor dos seus filhos, ensinando não somente a atividade escolar, mas reforçando sempre a importância do estudo e o quanto ele é emancipador para a população negra, passando seu amor pela leitura, por Luiz Gonzaga e pela MPB. Mas, também, trazendo os ensinamentos Bíblicos, mostrando a importância de amar o próximo e suas diferenças, enaltecendo o respeito pregado por Jesus Cristo e a importância da comunhão, visando sempre a quebra de preconceitos e exclusões.

Ele ainda hoje vem quebrando preconceitos e ocupando espaços dos quais muito se orgulha. Aos 62 (sessenta e dois) anos, desempenha o papel de secretário na Convenção Batista Missionária de Pernambuco e de Pastor na Igreja Batista Missionária Shalom, em Igarassu.



Acervo Pessoal

Henrique, seus filhos e netos



Henrique e
suas filhas

Acervo Pessoal

Referências

CRUZ, Irene Gomes Sá da. Relatos pessoais, 2021.

SILVA, Henrique Arnaldo da. Relatos pessoais, 2021.

QUE TENHAMOS FORÇA E CORAGEM PARA BUSCAR O NOSSO MELHOR

Jacirelle Alves Grilho da Silva¹



Acervo Pessoal

Existe um princípio para todas as coisas. Neste artigo, abordaremos a história de vida de Antônia Isabel Grilho, nascida em 15/02/1927 na cidade de João Alfredo-PE, e falecida em 01/11/2009 na cidade do Recife-PE. Ela foi filha, irmã, companheira, mãe, avó, além de uma mulher simples e, ao mesmo tempo, vaidosa, corajosa, encren-

¹ Formada em Serviço social pela Unicap. Especialista em Gestão de Projetos e Programas Sociais pela Unicap. Atualmente trabalha na Fundação Altino Ventura

queira e determinada. Não aprendeu a ler e escrever, porém possuiu muito conhecimento de vida, sabia cultivar plantas belíssimas, cozinhava divinamente e entendia o valor de todas as coisas. Apesar de algumas lacunas, há lembranças riquíssimas, tristes e felizes, que serão abordadas com entusiasmo e emoção. Esta recomposição foi construída por falas e recordações trazidas pelo seu irmão mais novo Manoel, seu filho Jacileno e suas Netas Jacirelle e Janielle.

Pouco se sabe a respeito de sua genitora, Isabel da Conceição. Entretanto, começaremos a partir de sua jornada. Crescida em uma casa de engenho, localizada na cidade de João Alfredo-PE, engravidou na adolescência, tornou-se mãe e, com essa responsabilidade, foi obrigada a casar-se com José Francisco de Aguiar, pois, no período da década de 20, muitas vezes, a mulher era vista como ser inferior, procriadora, que deveria obedecer ao seu marido, cuidar do lar, dos filhos e das filhas. A si não cabia o direito de escolher como viver sua própria vida. De acordo com Almeida:

Existe uma invisibilidade histórica quando se trata do sexo feminino, sinônimo de uma cultura sexista que desmerece seu protagonismo social, mesmo que este seja episódico por conta das raras aparições das mulheres no cenário público, por força do falocentrismo que permeia as relações sociais, em especial nas relações de gênero. (ALMEIDA, 2014).

Para refletir se, além das diversas formas de opressão e violência sofridas, majoritariamente, pelas

mulheres, existia a possibilidade de construir relações saudáveis ou, simplesmente, existia a submissão e aceitação de sobreviver a uma vida infeliz. Fico com essa inquietação e deixo para reflexão.

Antônia significa “valiosa” e foi esse o nome escolhido pela sua genitora Isabel. Além de Antônia, Isabel teve mais sete filhos. Existia um tratamento inferior por parte do seu padrasto, pelo fato de ela não ser sua filha de sangue. Como Antônia era a mais velha, ainda sendo uma criança, a ela cabia a responsabilidade de cuidar da casa, dos irmãos mais novos e da lavoura. Pode-se dizer que era um trabalho infantil e escravo, sem direitos básicos; não existiam as maravilhas da infância, a alegria de viver como criança. O essencial lhe foi negado. Esse processo sofrido na infância, interferiu bruscamente na sua vida adulta, pois carregou a dor e, em alguns momentos da sua vida, reproduziu a opressão que sofreu.

Valiosa demais para aceitar ser tratada de forma desigual, apenas com a roupa do corpo feita de saco de açúcar, cheia de calos, pois nunca havia tido um calçado, e com o cabelo assanhado, resolveu fugir de casa sem olhar para trás. Esperou o dia clarear e foi para beira da estradinha de barro pegar carona. Desconheço pessoa com mais coragem, que mesmo sem ter nada, sem saber o que encontraria pela frente e sem conhecer nada do mundo, simplesmente resolve seguir. Ela apenas sonhava e sabia que merecia muito mais.

Após algum tempo na estradinha de barro, Antônia chegou à cidade de Limoeiro PE. Saiu andando, batendo de porta em porta em busca de comida e de trabalho.

Não sabia ler, nem escrever, porém era disposta e possuía força de vontade de aprender. Uma senhora lhe deu abrigo, e, aos poucos, Antônia foi conseguindo se organizar e conhecer um pouco da vida. Quando achou que já podia florescer, resolveu tentar a vida em outro lugar. Partiu em busca de trabalho na cidade do Recife PE, onde conheceu um rapaz chamado Amaro, e juntos foram viver no bairro Largo da Paz.

Antônia era desenrolada, vaidosa e independente. O amor tão desejado não se construiu. Aos poucos, Amaro foi revelando o que existia de pior em si. Morria de ciúmes, convenceu Antônia a não trabalhar para fora, proibiu-a de conversar com as vizinhas, até chegou ao ponto de prendê-la em casa. Mais uma vez, o que seria da vida se não existisse uma mulher corajosa. Naquele tempo não existiam mecanismos legais aos quais pudesse recorrer, como no caso da Lei Maria da Penha². Então, na primeira oportunidade, Antônia fugiu. Não se ouve diálogo referente ao destino que Amaro seguiu.

Após sua partida, conseguiu abrigo e trabalho na cidade de Olinda-PE, onde encontrou o amor da sua vida que se chamava Gileno Merois Grillo. Juntos tiveram um filho e se casaram. Faltavam tantas coisas, mas o principal ela tinha, que era o amor do seu filho e a devoção pelo seu marido. Unidos, passaram fome, frio e, no meio de

² Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

tanta vulnerabilidade, nunca faltou força de vontade para fazer as coisas melhorarem. Construíram uma casa de taipa em um terreno de invasão. Antônia teve mais um filho que faleceu ainda bebê. E, depois, teve uma menina.

Um certo dia, uma criança gritava, dizia que sua irmãzinha estava morrendo. Antônia foi até o local, pediu para seu filho buscar um copo de leite e uma vela (havia o costume de, quando uma pessoa estivesse morrendo, acender uma vela na palma da mão, para iluminar o espírito). A bebezinha estava desenganada, mas, após beber a bebida morna, abriu os olhos e chorou. A partir daquele momento, com autorização da genitora, Antônia acolheu a menina e criou-a como se fosse sua.

Apesar de toda dedicação, Antônia vivia um casamento conturbado. Gileno, seu marido, passava dias fora de casa e, na maioria das vezes, voltava alcoolizado, raramente contribuía financeiramente. A ela cabia toda responsabilidade de trabalhar fora, cuidar da casa e dos filhos, além de entrar em várias encrencas e afrontar todas as outras mulheres que viviam em volta do seu marido.

Após muita desavença e com seus filhos já adultos, Antônia decidiu separar-se e ir em busca da paz que sempre quis. Apesar de toda desavença, sempre manteve uma relação amigável com seu ex-marido.

Com o passar do tempo, Antônia foi morar com seu primogênito, que já era casado e possuía três filhos. Ela pôde acompanhar de forma integral o crescimento dos seus netos. Recordo-me vivamente da sua presença, ela era uma mulher intensa, cheirosa, amava estar arrumada, cuidar das plantas e cozinhar. Ela me deixou de herança

o amor pela cozinha; quando eu mal alcançava o fogão, ensinou-me como preparar tudo de essencial. Também, não tinha papas na língua, era “braba”, porém sempre solidária. Tinha suas preferências pelos netos homens, eles eram os mais queridos, as demais tinham que aguentar, muitas vezes, seus dramas trazidos da triste infância que eram reproduzidos de forma intensa.

Não a culpo pelos momentos tristes. Antônia viveu tanto sofrimento e frustrações, e nunca teve oportunidade de tratar suas inquietações, apenas tentava dar seu melhor no que podia. E, mesmo com toda dificuldade, educou seus filhos, ensinou muito aos seus netos e viveu com eles todas as alegrias da infância que não pôde aproveitar quando era criança. Acredito que ela partiu realizada, pois esperançou, buscou e fez a diferença por todos os lugares que passou.

Referências

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acessado em 23/10/21.

Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950)* Dimensões, vol. 33, 2014, p. 336-359. ISSN: 2179-8869. Almeida Jane.2014.

A HISTÓRIA DE DONA ZEZÉ: JOSEFA DA SILVA ALVES CAVALCANTE

Jessica Jerlane de Jesus Silva¹

Nascida no município de Machados-PE, no ano de 1940, Josefa da Silva Alves Cavalcante, Dona Zezé, como é comumente chamada, é filha de Maria Gomes da Silva, e pai não declarado. Vou contar a história da minha avó materna, como ela me contou, tentando trazer nas entrelinhas um pouco da força dessa guerreira que teve que lutar para se sustentar e criar seus filhos.

Dona Zezé não é de falar muito de sua infância. Relatou apenas que a infância naquela época, no interior do estado, não era igual à infância de hoje. Explicou que as crianças tinham responsabilidades de adultos, trabalhavam na roça, cuidavam dos animais, não brincavam, não frequentavam a escola e sofriam castigos físicos cruéis.

A violência contra crianças e adolescentes é um problema que tem sido enfrentado há tempos em nossa sociedade. De acordo com Mendonça (2012), pode existir violência física, psicológica, sexual ou negligência, praticados principalmente no ambiente doméstico. Todas elas

¹ Assistente Social formada pela UFPE em 2015 e Musicista da cultura Popular. Membro do grupo de estudos em Gênero, Raça e Políticas Públicas da UNICAP, do Quilombo Semear (Capoeira e agricultura familiar), do Xexéu de bananeira (grupo de Coco) e mãe de Abayomi, João Vinícius e Yan Pedro.

trazem prejuízo à vida e saúde de centenas de crianças e adolescentes Brasil a fora. Ao tratar de violência física contra crianças, a Organização Mundial da Saúde diz que a mesma se caracteriza como sendo a agressão ao corpo da criança provocando dor, lesão ou mesmo a morte. Para esse tipo de violência, o agressor pode valer-se de seu próprio corpo como mãos ou pés, ou de instrumentos como cintos, palmatórias, fios, cipós etc. (OMS, 2002).

Esta foi sua infância e não estranha o fato de que ela não queira falar sobre esse período de sua vida. Ela diz, com seu senso de humor, que sua mãe era muito chata. Certamente, a minha Bisavó materna estava fazendo o que sabia e podia para criar e educar seus filhos.

Aos doze anos, após sofrer castigos físicos por parte de sua mãe, ela saiu de casa para nunca mais voltar, vindo direto para Recife/Olinda, onde começou a trabalhar em casas de família para se sustentar. Inicialmente, ainda trabalhava e estudava, mesmo nas casas de família; cursou somente até a primeira série.

Ela relata, com carinho, famílias que a acolheram ainda criança para trabalhar nas suas casas em troca de um teto e comida. E passou pela casa de um, depois, outra casa e, após esta, ainda outra. No Brasil, o trabalho infantil é a realidade de muitas crianças, com todos os seus prejuízos. De acordo com a Constituição Federal, inciso XXXIII do artigo 7º, é proibida qualquer forma de exercício do trabalho por menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos, bem como é proibido a menores de 18 anos o trabalho noturno, perigoso e insalubre (PAGANINI, 2011),

Fico pensando como foi para uma criança sair da sua casa pelo mundo, sem um familiar responsável, viajar, pedir trabalho e conseguir, em um dia sim, no outro não. A sociedade da época não garantia os direitos mínimos para as crianças. Durante muitos séculos, as crianças foram tratadas de maneira preterida, pela sociedade, tendo ficado às margens em cuidados, atenção no que se refere à qualidade de vida, e esta foi a vivência de Dona Zezé.

Por haver desconhecimento sobre as etapas de desenvolvimento físico e cognitivo inerente, eram constantemente tratadas como “adultos em miniatura” (LINHARES, 2016). Depois do Estatuto da Criança e do adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990), alguns direitos básicos foram alcançados, com ajuda da sociedade organizada, mas, ainda hoje, mesmo com toda legislação vigente, ainda existem crianças e adolescentes em situações análogas.

Com a Constituição de 1988, foi assegurado às crianças e adolescentes um estatuto legal que garantiu alguns dos seus direitos, como proibição do trabalho e garantia de acesso e permanência à educação dentre outros. A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei 8.069/90 em 13 de julho de 1990. Esta lei foi resultado da pressão dos movimentos sociais surgidos com a reabertura política brasileira da década de 1980, finalização da recessão política e econômica imposta pela Ditadura Militar. Os debates em torno da constituição ampliaram as discussões sobre as políticas para a Educação Infan-

til, que culminou com a promulgação do ECA (Linhares, 2016).

Assim, distante desses marcos legais, trabalhando em casa de família, ela viveu até que, aos 17 anos, conheceu Genivaldo Alves Cavalcante, conhecido como Inho, meu avô materno. Natural de Olinda, filho de uma senhora chamada Iracema, com feições indígenas. Minha mãe conta que a conheci quando bebê. A jovem Zezé e Inho foram morar juntos e constituíram família; tiveram, ao todo, seis crianças, entre filhos e filhas. São eles/elas: Genivalda, minha mãe; Erivalda (Erica); Erivaldo (Erinho); Credivaldo (Vavado); Genivaldo, e Edivaldo.

Edivaldo só viveu alguns meses de vida, vindo a falecer ainda bebê. Genivaldo faleceu aos oito anos de idade: ficou doente, foi internado e veio a óbito. Em 1940, a taxa de mortalidade na infância (crianças de até 5 anos) era de aproximadamente 212,1 óbitos para cada mil nascidos vivos. Em 2019, a taxa foi de 14,0 por mil (IBGE, 2019). Erinho e Vavado (*in memoriam*) cresceram e se criaram, mas foram assassinados na vida adulta por crimes de violência urbana. De acordo com Gomes *et al.* (2020), a violência urbana tem se constituído um grave problema de segurança pública e de saúde no Brasil, vitimizando grupos específicos e atingindo as famílias. Hoje, minha avó tem duas filhas, minha mãe Valda e minha tia Érica. Seus netos e bisnetos são: Jessica (eu), Juliene, Gisele, João Paulo, Evandro, Ley, Inha, bisnetos Danilo, Quiquinho.

Acervo Pessoal



Vovó Zezé e
minha mãe Valda

Minha mãe Valda,
tia Érica, vovó Zezé
e eu grávida de
Abayomi



Acervo Pessoal

O casamento foi conturbado desde o início. Meu avô gostava de beber e não gostava de trabalhar para sustentar a família. Ela relata que ele saía de casa e passava vários dias sem voltar, um típico boêmio, sem se importar com os filhos e família. Minha avó tinha que trabalhar fora e dentro de casa. Nessa época, já não trabalhava mais em

casas de família; agora, ela lavava roupa, trabalhava nas cozinhas, fazia vários serviços informais para sustentar seus filhos e filhas.

Minha mãe, filha mais velha de dona Zezé, logo cedo, teve a responsabilidade de cuidar dos seus irmãos para que sua mãe pudesse sair de casa para trabalhar e arrumar o sustento de todos e todas. Inho, ausente, mulherengo e beberrão deu muita dor de cabeça para minha avó. Chegaram a casar no civil vinte anos depois e desquitaram logo em seguida. Mesmo diante disso, as filhas de Inho cuidaram dele na sua velhice até o último dia de sua vida.

Minha avó, Dona Zezé, em uma época da vida, conseguiu um emprego pela prefeitura de Olinda, onde trabalhou durante trinta anos. Ela trabalhou durante muitos anos na limpeza urbana, na decoração do carnaval de Olinda, em um laboratório de fitoterápicos até que se aposentou. A tônica de sua vida foi o trabalho e ela se orgulha disso.

Conserva um senso de humor e gosto pela vida fora do normal. Adora comer, ir para a igreja, viajar, visitar suas filhas e netos e netas. Teve muitos relacionamentos e amores em vida, e é muito feliz. Dizem que ela é uma véia fogosa. Gosta de chás diversos, acredita na natureza e nas forças dos rios e mares. Tem fé em Jesus Cristo! Como balaarte de sua família, sustentou seus descendentes, lutou por eles e elas quando foi preciso e nunca fugiu sequer a uma batalha da vida.

Quando veio para o Recife, perdeu o contato com sua família de Machados, e isso sempre a incomodou,

pois gostaria de rever seus familiares e parentes deixados na infância. Ao se aposentar, ela começou a viajar para Machados para procurar sua família e encontrou uma tia, um primo e outros parentes (Dona Iara, Lara, seu Zezé), que ela visita até os dias de hoje.



Acervo Pessoal

Eu e minha avó Zezé numa atividade no terreiro

Filha de Iemanjá, desde cedo pertencente à religiosidade de matriz africana e Jurema Sagrada, levava minha mãe na infância, que depois que cresceu deixou de participar. Esse dado ficou ocultado da história de minha avó desde cedo. No decorrer da pesquisa para este texto, pude conversar e perguntar diretamente a minha avó, que falou sobre sua trajetória na Jurema Sagrada, as en-

tidades que carregava consigo. Ao todo, foram dezesseis anos de atividades intensas, até que o seu pai de santo veio a falecer, e ela deixou de ser ativa, mas ainda é apreciadora.

Um dia fiquei sabendo que minha tia não estava frequentando a casa da dona Zezé. O motivo era porque ela havia visto um altar com perfume, vela e outras coisas, ficou sem ter contato com a própria mãe por alguns meses, infelizmente por causa do preconceito com a religiosidade de sua mãe.

Recentemente, tive o prazer de levar minha avó no ilê em que frequento, onde ela se sentiu muito bem e disse que iria voltar para um trabalho! Axé ô. E seguimos nos cuidando e cuidando de nossa família, ela ama seus netinhos e tem muito orgulho de nós.

Referências

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

IBGE, 2019, Tábua completa de Mortalidade, Disponível Em: <https://www.editoraroncarati.com.br/v2/Artigos-e-Noticias/Artigos-e-Noticias/IBGE-Em-2019-expectativa-de-vida-era-de-766-anos.html>, Data de acesso 25/10/2021 às 22:01.

GOMES, André Luis. Et al. O que dizem os estudos sobre violência urbana? Uma análise das abordagens nacionais e internacionais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 01, Vol. 07, pp. 14-40. Janeiro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/violencia-urbana>

LINHARES, J. M. **História Social da Infância**, 1º Edição, Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-social-da-infancia/pdf/historia-social-da-infancia.pdf>, 2016

MENDONÇA, M. T. Alguns pontos sobre a violência praticada contra Crianças e Adolescentes dentro ou fora do ambiente doméstico. In: **Revista Infância Hoje**, Organização: Valéria Nepomuceno Teles de Mendonça, Volume 1, Recife, 2012.

RAÍZES DO MEU UMBUZEIRO SAGRADO

Liêdo Gomes Nepomuceno¹

Nesse apanhado de memória ancestral, fiz a opção de percorrer através da pesquisa de relatos familiares da ancestralidade da minha família materna. Com raízes no Sertão do Pajeú, no estado de Pernambuco, entre os municípios de Serra Talhada, Triunfo e o que hoje é a cidade de Santa Cruz da Baixa Verde.

A motivação dessa escolha se deu pela história relacionada à força, resistência, a vivência no mundo rural, religiosidade e os usos dos saberes tradicionais do campo, advindos da ancestralidade dos povos originários e da interação com a natureza no âmbito do território árido do sertão.

A história e a memória de meus ancestrais se assemelham às raízes do umbuzeiro, uma árvore do sertão que é riquíssima e dá muitos frutos com um gosto misto entre o azedo e o doce. Mesmo na seca, suas raízes possuem batatas que acumulam água e resistem imponentemente às estiagens nordestinas, sendo considerada a árvore sagrada do sertão. Seu fruto, o umbu, faz parte da

¹Assistente Social pela Universidade Federal de Pernambuco e cursando Especialização em Saúde Pública pela Universidade de Pernambuco. Atualmente está como Analista de Projeto Social Jr. na Diagonal: Transformação de Territórios

minha memória afetiva, quando alguém trazia panelas cheias para comer e fazer “imbuzada”, era sinal de que alguém estava nos visitando trazendo notícias de nossa família.

As pessoas escolhidas para terem suas histórias contadas foram meus avós maternos Filomena Maria e Antônio Evaristo. Eu conheci apenas a minha avó porque meu avô faleceu quatro anos antes do meu nascimento.

Filomena Maria da Conceição, quando solteira, e Filomena Maria Gomes, depois de casada. Era filha de Maria Marculina da Conceição (memória da minha mãe), Maria Bemvinda dos Santos (certidão de casamento dos meus avós). Em relato de minha Tia Adalgiza², seria filha de Maria Marculina Bemvinda e Luiz Pereira. Uma das coisas que sempre me chamou atenção na história da minha família, sobretudo ancestral, é a duplicidade de nomes, de formas como são chamados, pessoalmente e em suas documentações³. Minha avó possuía quatro irmãs e um irmão: Emília (Milha), Eulália (Neném), João Pereira e Maria (Loló) e Alice⁴.

² Tia Adalgiza é prima carnal da minha mãe. Na minha família esse tipo de parentesco é equiparado ao de irmã (o). Ela é filha da irmã da minha avó, Eulália (Neném) e do irmão do meu avô, Sebastião Evaristo. São dois irmãos casados com duas irmãs e segundo relato da minha mãe, esse casamento “duplo” foi arranjado pelo irmão delas, João Pereira.

³ Rosineide Cordeiro (2007) em pesquisa sobre as agricultoras do Sertão Central e o acesso a documentos e direitos, explica que na região muitas pessoas possuíam as alterações em nomes e sobrenomes e até eram chamadas ou registradas com nomes e sobrenomes diferentes por motivo de conflitos parentais, disputa de herança, registro tardio, além da questão de o genitor deter unicamente o poder do registro. Nesse sentido, acontecia de as pessoas serem registradas por políticos ou pelo tabelião, sem nem levar em consideração a vontade dos pais e informações quanto ao sexo, conferência de dados e grafia correta, devido também aos índices de analfabetismo do campo.

⁴ E outra irmã, filha do seu pai com outra mulher e a mais nova de todas. Dessa

Nascida em 26 de junho de 1914, era natural de Triunfo –PE. Atualmente, a área na qual ela nasceu fica situada na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, município emancipado há poucas décadas. O local específico localiza-se entre os Sítios Brejo dos Soares, Santo Antônio e Gameleira. Minha avó era conhecida como Comadre Filó, Tutu ou Tia Tutu, como era chamada pela família e pelos inúmeros sobrinhos e sobrinhos netos.

Comadre Filó era uma mulher muito forte, religiosa (católica) e amada nos locais onde viveu e passou. Estampava o rosto fechado e a expressão forte sertaneja, tal qual minha mãe. Era do lar, agricultora, também catava e fiava algodão. Teve quatro filhas e sete filhos: Luís, José, João, Joaquim, Pedro, Maria Filomena, Antônia, as gêmeas⁵, Francisco e Paulo. Duas dessas filhas eram gêmeas e morreram muito cedo, antes dos dois anos de idade, acometidas pela desnutrição.

No sertão não era raro essas tragédias familiares acontecerem, ou seja, não eram casos isolados, como aponta Cordeiro (2007), a ausência de políticas públicas de desenvolvimento sustentável voltadas para o semiárido, tendo por base a luta contra a miserabilidade e articulada a alternativas econômicas locais, condena a população pobre que obtém seu sustento da agricultura familiar, a condições precárias de sobrevivência, que se agudizam em tempos de seca.

irmã da minha avó eu só soube depois de adulto e não se tem muitos relatos.

⁵Maria e Melania eram os nomes delas. A história delas sempre vem na memória, porque uma amiga da minha avó que nós visitávamos periodicamente na minha infância e adolescência, sempre falava sobre elas. As gêmeas nasceram após a minha mãe e deviam ser uma lembrança muito marcante para ambas.

Considerando que minha avó era analfabeta funcional, lia pouco e apenas sabia escrever seu nome para votar nas eleições locais, tendo aprendido a partir de uma iniciativa de alfabetização difundido por políticos da região, com a finalidade do voto de cabresto. Mesmo assim, conseguiu viabilizar os estudos primários para os filhos e filhas através de padrinhos políticos, visto que a família era bem humilde e residia na zona rural do município de Serra Talhada, especificamente na Fazenda Várzea Grande.

Alguns dos meus tios terminaram o primário e minha mãe foi a única que concluiu o ensino médio e um curso de ensino superior de curta duração em ensino religioso, no Instituto de Teologia do Recife, do qual ela tem muito orgulho. Minha mãe foi a primeira pessoa da família a concluir um curso de ensino médio e posteriormente o superior, com muito esforço, e depois de ter parado de estudar e retomado 10 anos depois o ensino fundamental e ensino médio tanto em contabilidade, quanto o magistério.

Minha avó encerrou sua vida em maio de 2000, em decorrência de complicações do Diabetes e Bronquite, na altura dos seus 86 anos. Tive oportunidade de conviver com ela, nos seus últimos anos; morou conosco até falecer. Sinto muita falta de sentar em seu colo, de dormir com ela e do amor das avós.

Meu avô Antônio Evaristo Gomes, por sua vez, era filho de Dona Antônia Rosa da Silva e do Sr. Evaristo Gomes. Minha bisavó Antônia, cujo nome minha mãe também recebeu em sua homenagem, tinha como sua mãe

uma indígena, que não sabemos o nome e nem o povo ao qual pertencia. No entanto, segundo relatos de minha Tia Adalgiza, foi casada a força após ser capturada pelo meu trisavô a “dente de cachorro”⁶, uma prática violenta, naturalizada e recorrente na época com mulheres indígenas no sertão.

Meu avô possuía dois irmãos, Sebastião Evaristo Gomes ou Tio Bastião⁷, como os sobrinhos chamavam carinhosamente, e Tia Inácia, que faleceu no parto de seu único filho. Seu Antônio “Varisco”, como popularmente era chamado na ribeira⁸, era natural do Sítio Roças Novas, zona rural do município de Serra Talhada e nasceu em 10 de agosto de 1899. Era agricultor e benzedor por vocação. Foi registrado no cartório do distrito de Tauapiranga ou São João do Barro Vermelho, assim como Virgulino Ferreira, Lampião. Há relatos de que há um parentesco de segundo grau entre eles e que chegaram a brincar juntos.

⁶ Segundo Silva e Almozara (2017) existem termos difundidos pelo colonizador sobre a forma como as mulheres indígenas eram chamadas: de “caboclas-brabas” e como eram capturadas: a “dente de cachorro ou casco de burro” no intuito de serem “amansadas” pelo homem branco para se adaptar a sua cultura ou até “salvá-las” de serem “selvagens” ou num contexto de um modo de viver “selvagem” na visão eurocêntrica. Para caracterizar a forma naturalizada e violenta como essas mulheres eram sequestradas e fadadas a viver a força com seu sequestrador no contexto sertanejo.

⁷ Minha mãe fala muito bem do tio, ela sempre relata que ele buscava a minha avó e filhos no meio do trajeto de mais de 30km entre a Fazenda Várzea Grande onde moravam no município de Serra Talhada e os Sítios São José do Piloto e Gameleira no que hoje é o município de Santa Cruz da Baixa Verde. Essa comunidade entre os dois municípios é chamada de Jatiúca, e lá pousavam a noite, pois não tinham dinheiro suficiente para realizar o percurso de caminhão.

⁸ Expressão popular e genérica para classificar a localidade ou região no contexto da área rural que eles residiam.

A vizinhança relatava que Seu Antônio “Varisco” curou muita gente. Inclusive o sanfoneiro de um cantor e político piauiense famoso, que foi “benzido” ou “rezado” pelo meu avô quando criança, numa fazenda vizinha. Em visita quando eu era adolescente, a tia e cuidadora do rapaz sempre contava que ele estava desenganado pelos médicos.

Segundo relato da minha mãe, Antônia Filomena Gomes Nepomuceno ou Toinha de Antônio “Varisco”, como é conhecida no lugar que nasceu, meu avô sabia até a altura de onde poderia plantar, conforme um ninho de um passarinho, em forma de um buraco na parede do açude. Quando chegava o período das chuvas, a água chegaria no nível abaixo do ninho e da plantação e não correria o risco de inundar a roça e perder o plantio. Sempre tinham êxito, pois o passarinho sabia mais do que a gente, que pensa que sabe de muita coisa. Esse é o saber tradicional do campo.

Em outro relato, minha mãe elucidou que ele curou uma vizinha, filha de um casal próximo da minha família. Os médicos não descobriram o que ela tinha e, pelos sintomas, na visão popular para quem rezava e tinha fé em reza, provavelmente era quebranto. Meu avô disse a sua mãe: “Sinhá Maria, daqui para a hora do almoço ela vai tá boa!”. E assim aconteceu. Em conversa comigo, minha mãe, sabendo que professo cultos afro-indígenas, disse que, com certeza, era “alguém” que tinha dito no ouvido dele. Porque a menina tinha ficado boa exatamente naquele horário.

Seu Antônio era uma pessoa muito respeitada, seja pela sua ligação com a religiosidade, seja processo de cura das pessoas. Os mais jovens sempre pediam a bênção a ele e, no relato de alguns familiares, ele era bastante sério e direto. Faleceu em maio de 1988 de complicações de um Acidente Vascular Cerebral, aos 89 anos. Eu não o conheci, mas, na minha cosmovisão, algo de espiritual nasceu comigo, minha ancestralidade, minhas raízes, carregam a resistência do meu povo que veio do sertão.

Acervo Pessoal



Meus avós. Antônio Evaristo e Filomena Maria

Meus tios avós. Sebastião Evaristo (Tio Bastião) e Eulália (Tia Neném)



Acervo Pessoal

Acervo Pessoal



Eu no colo da minha
vozinha Filomena

Minha vó Filomena,
meu tio Chico e eu



Acervo Pessoal

Referências

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. Vida de agricultoras e história dos documentos no Sertão Central de Pernambuco. Estudos Feministas Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ref/a/fYvLh9BHZcfLyV6ZVz98mJB/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 20/08/2021.

SILVA, T. G da; ALMOZARA, P. Percursos autoetnográficos pelo ser(tão)imaginário: caboclas-brabas e identidade brasileira. Revista Geograficidade. Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. V.9, N.1 Verão 2019. Niterói,RJ. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/29067>> Acesso em 25/08/2021.



MINHAS RAÍZES

Mariana Barbosa da Silva¹

Desde minha adolescência, escuto histórias sobre meus antepassados, minhas queridas avós materna e paterna (matriarcas das famílias) e o desenvolvimento de seus frutos. Elas garantiram a sobrevivência de ambas as famílias. Por isso, elas se destacam nas histórias contadas a seguir. A começar por minha avó materna, Maria Helena Da Silva (vovó Helena), que teve uma jornada difícil como mulher negra, pobre e solteira.

Nascida em 1949, entre o Janga (Paulista) e Rio Doce (Olinda), ela não se lembra precisamente, pois só fez a certidão de nascimento aos 18 anos no Recife. Estudou até a 2ª série, pois precisou deixar de estudar para cuidar dos irmãos que são 08 ao todo, mas 03 faleceram. Desde cedo, precisou trabalhar para ajudar a garantir a sobrevivência da família, pois seu pai faleceu quando ela ainda era jovem e sua mãe não dava conta sozinha. Por isso, ela começou a trabalhar para as famílias como babá e, posteriormente, empregada doméstica; sua mãe era lavadeira.

No Nordeste, três em cada cinco adultos (60,1%) não completaram o ensino médio. Entre as pessoas de cor branca, 57,0% tinham concluído esse nível no país, en-

¹Graduanda em serviço social pela Universidade Católica de Pernambuco.

quanto essa proporção foi de 41,8% entre pretos ou pardos. A pesquisa está divulgando, pela primeira vez, dados sobre abandono escolar. Das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos. Entre os principais motivos para a evasão escolar, os mais apontados foram a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, destacam-se ainda gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%) (IBGE/PNAD 2020).

Sabemos que, diante da desigualdade social, as mulheres negras e pobres são o segmento mais impactado pelas expressões da questão social. Muitas mulheres, como a minha vó, precisaram largar os estudos para ajudar a cuidar das responsabilidades e finanças da família ainda crianças e adolescentes, essa é uma história que é reproduzida nas gerações da família. Os dados apontados são recentes e só comprovam que essa problemática continua se reproduzindo.

A criança e o adolescente devem ser vistos como sujeitos de direitos, que também têm voz ativa e que devem ter os recursos suficientes para educação, habitação, lazer, dentre outros. Por isso que as políticas sociais são de suma importância, contudo, precisam ser mais articuladas e inclusivas, seguindo uma perspectiva emancipatória do indivíduo, visando superar a ordem do sistema vigente.

Vovó tem duas filhas, a minha mãe e minha tia, são filhas de pais diferentes, mas vovó nunca contou quem eram seus pais, principalmente o de minha mãe. Sempre que tocamos no assunto, ela fica muito nervosa ao ponto de passar mal, por isso minha família sempre especulou que ela pode ter sido vítima de violência. Ela contou que nunca chegaram a passar fome, mas passaram muita necessidade, como andar muitos quilômetros a pé para garantir o alimento do dia e, ao longo de sua vida, sempre trabalhou como doméstica para garantir a sobrevivência da família até se aposentar aos 60 anos. Vovó Helena tem 5 netos e 6 bisnetos, ela é um pouco reservada, mas ama muito todos nós, preocupa-se e sempre nos ajudou como pôde. Nós a amamos e compreendemos que depois de tanta luta, comportamentos mais fechados podem surgir.



Acervo Pessoal

Dona Helena, filha Ana Paula, neta Mariana e neto Lucas



Dona Helena, filhas Ana Paula e Fabiana

Acervo Pessoal

Minha Avó paterna é Alaíde de Vasconcelos da Silva, nascida em 1943 na cidade de Limoeiro. Sua mãe faleceu quando ela ainda era muito jovem, ela passou um tempo morando com a tia e depois foi morar com o pai, a madrasta e os dois irmãos em Paulista. Vovó teve uma jornada muito árdua, desde nova precisou ajudar a madrasta no trabalho para garantir a sobrevivência da

família, só pôde estudar até a 4ª série e chegou a passar necessidade.

Depois, ela casou e residia com meu avô em Paulista, onde teve 6 filhos. Um faleceu ainda criança e o outro foi meu pai que faleceu aos 43 anos. Ela já foi costureira, mas, depois, foi trabalhar em fábricas como serviços gerais e cozinheira, meu avô também trabalhava em fábricas e eles garantiram o sustento da família.

Vovó tem 10 netos e 5 bisnetos, sempre teve uma relação muito íntima e amorosa com a família, ela amava contar suas histórias de vida repetidas vezes. Vovó foi uma mulher muito forte até o fim de sua vida, sempre nos amou e nos protegeu muito, nós a amamos eternamente.



Acervo Pessoal

Dona Alaíde



Filhos de dona Alaíde:
Regivaldo, Reginaldo,
Rosimar, Rejane e
Rosane

Acervo Pessoal

Meu pai, Regivaldo Barbosa da Silva, nasceu em 1973 na cidade de Paulista. Sempre foi um homem íntegro e trabalhador, começou a trabalhar novo e passou por diversas profissões, como ajudante de carga e descarga, vigilante, trabalhou em fábrica e, por último, como motorista de ônibus. Ele amava suas profissões, mas a que mais se identificou foi motorista de ônibus e, posterior-

mente, gostaria de dirigir caminhão, mas, infelizmente, não conseguiu porque ficou doente. Painho sempre foi muito amoroso e nunca nos deixou faltar nada, sempre contava suas histórias de vida e do quanto vovó Alaíde é importante.

Em meados de 2007, descobrimos que ele tinha câncer. Ele realizou todo o tratamento necessário e amputou uma perna. No decorrer dos anos, estava estabilizado, mas, em meados de 2013, o câncer voltou e ele novamente se submeteu ao tratamento. No ano de 2016, ele não resistiu e veio a óbito. A morte de painho abalou toda a família e, principalmente, minha avó que, desde 2016, não vivia mais com entusiasmo pela vida, por isso ela passou a ser meu tudo, minha avó foi mãe/pai/vó para mim. Infelizmente, ela veio a óbito neste ano (2021) em decorrência da COVID-19.



Acervo Pessoal

Regivaldo Barbosa (painho)



Dona Alaíde e filho Regivaldo

Segundo Marx, Netto (1996), o desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a questão social: sua existência e suas manifestações são indissociáveis da dinâmica específica do capital. As políticas não têm como objetivo extinguir todas as expressões da questão social, o seu limite esbarra na própria reprodução do capital, não podendo, assim, afetar a acumulação burguesa e pôr em risco a sua supremacia.

O serviço social atua por meio das políticas sociais para o enfrentamento da questão social, que é o objeto de intervenção do(a) assistente social. Assim, o serviço social cria estratégias para "driblar" o desmonte destas políticas, já que se deve levar em consideração que as políticas permeiam um estado capitalista. Mas a perspectiva crítica que o serviço social adotou é de superar a ordem do capital, elaborando e executando meios para isto. Portanto, é relevante pensar em como as expressões

da questão social impactam a vida da classe trabalhadora, podendo intensificar uma problemática já existente, a desigualdade social.

Esta é uma breve e singela homenagem aos meus ancestrais que perpetuam uma jornada de muita luta, impactados pelas diversas expressões da questão social, com uma limitada educação escolar, trabalho infantil, possível violência contra a mulher, dentre outros. Resistiram firmemente durante toda a jornada de vida e sempre me incentivaram a ampliar meu olhar para a realidade, através dos estudos.

Referências

Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio#:~:text=A%20pesquisa%20est%C3%A1%20divulgando%20pela,7%25%20eram%20pretos%20ou%20pardos.>> Acesso em 22 out. 2021

NETTO. José Paulo. Transformações Societárias e Serviço Social. In. Revista Serviço Social & Sociedade n. 50. São Paulo: Cortez, 1996.

A VIAGEM RUMO À ANCESTRALIDADE

Miriam Gary de Oliveira Costa¹

Quando nasci, no final dos anos 40, meu avô já era idoso, tinha mais de 60 anos e minha vó estava próxima aos 55. Faço parte da 2ª. geração de seus netos. Era uma família grande, bem típica da época, 13 filhos e vários agregados. Meu pai era o seu sexto filho que nesse ano (2021) faria 100 anos. E foi a partir de sua certidão de nascimento e na busca de outros documentos que comecei a viagem para o passado em busca de minha ancestralidade.

Nos anos finais do século XIX, Silvestre Gomes, pai do meu avô, migrou das Minas Gerais para o interior de São Paulo em decorrência da decadência da mineração do ouro e dos conflitos com soldados imperiais e posseiros que em nome da Coroa pretensamente levantavam a bandeira do desbravamento para imporem a “civilização ao sertão”. Com ele, saem das franjas da região mineradora uma leva de mineiros, brancos, índios e negros percorrendo os mesmos caminhos dos bandeirantes quando se adentraram pelas matas do interior no séc. XV e XVI em busca de metais preciosos e caça de indígenas para servir de mão de obra escrava. Silvestre era filho de

¹ Cientista Social e pós-graduada em Saúde Pública

uma indígena da tribo dos valentes Puris que ao lado dos Botocudos resistiram bravamente os invasores. Botocudo e Bugre, foram palavras muito ouvida na minha meninice. Todas as vezes que queriam definir alguém como briguento, violento, assim o chamavam. Na inocência da infância eu não sabia o que representavam, mas tinha a percepção de que era algo ruim, pejorativo. Não era nada bom ser um botocudo ou um bugre.

A pequena caravana familiar e mais alguns agregados atravessaram o Rio Grande, fronteira natural entre o estado de São Paulo e o estado de Minas Gerais e se instalaram provisoriamente na região de Franca, entre o Rio Pardo e o rio Sapucaí. Acredito que esse êxodo tenha sido anos antes da abolição. Há de se lembrar que o Brasil da época era absolutamente rural com parcas e rudimentares estradas o que me leva a pensar que essa viagem tenha demorado anos.

O objetivo não era se fixar em Franca, mas, sim, alcançar o oeste do estado de São Paulo, a região de Araçatuba. A escolha dessa região não foi por acaso. Lá estavam aldeados os Kaingang, parentes da mãe de Silvestre Gomes e já contava com núcleos de subsistência compostos por migrantes mineiros.

Kaingang, da etnia Jê, é um nome genérico da população indígena do local, significa morador do mato e assumiam vários nomes, Coroados, Tapuias, Bugres, Botocudos. Lá teriam guarida, trabalhar na terra ou em alguma fazenda da região. A abolição da escravatura (1988) e a conseqüente expulsão dos escravizados das fazendas favoreceu essa intenção. A atividade econômica era fun-

damentada no pastoril, agricultura de subsistência e no extrativismo. O café ainda estava em marcha para oeste. Nessa época meu avô Francisco, era um moço e foi ser tropeiro. Pegava a tropa em Franca na fazenda dos Junqueiras e a levava para as terras do Mato Grosso. Cavalos e burros eram comercializados pelo caminho e o gado era levado para a engorda, nos campos abertos, para a «invernada».

Foi nessas idas e vindas que meu avô, Francisco Alves de Oliveira conheceu Tibúrcia Cândida da Silveira, filha de imigrantes portugueses. Pelas histórias que escutei, o namoro do casal foi bem tumultuado e recriminado. Além da grande diferença de idade não era permitido ou não era visto de bom grado a união de um descendente dos povos originários com uma branca com herança europeia. Fugiram e se casaram em Igarapava, cidade a 100km de distância de Franca e partiram para Araçatuba onde já estava instalada a família de Francisco.

A história me conta que a vida na região de Araçatuba não era muito fácil. Os Kaingang era um povo guerreiro que lutou bravamente contra os avanços do café e principalmente contra a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil que cortavam suas terras. Eram tidos como perigosos e hostis de difícil “pacificação”, um verdadeiro “empecilho ao progresso.”

A Estrada de Ferro começou a ser construída em 1910 e tinha como grande propósito facilitar o escoamento do café para sua exportação pelo porto de Santos e os grandes mercados de consumo interno. Nesse mesmo ano, foi criado por decreto federal o Serviço de Proteção

ao Índio que tinha como objetivo filosófico prestar assistência aos indígenas, mas foi perdendo esse objetivo na medida em que procurava criar reservas e tutelar os índios, com interesse na liberação das terras indígenas e na aglomeração de mão de obra.

Com o avanço da estrada de ferro pelo interior paulista, os conflitos entre índios e brancos tornou-se intermitente. E um verdadeiro morticínio ocorreu nas terras dos Kaingang. Os conflitos sobre a posse da terra com o propósito capitalista para expansão do café e as epidemias, sobretudo, foram mortais para esse povo.

Por volta de 1915, meu avô Francisco, sua mulher e seus primeiros filhos atravessam o Rio Paraná rumo ao Mato Grosso deixando para trás seus parentes. Sant´Ana do Parnaíba, foi o primeiro núcleo de parada, onde meu pai nasceu. E como seminômades se fixaram ali por alguns anos e depois partiram para o núcleo de Três Lagoas, antes de voltar a Araçatuba e posteriormente se fixarem em São Paulo, como se fosse o Eldorado prometido.

Mesmo escondendo numa gaveta e silenciando sua memória, mesmo falando pouco na família sobre a mulher indígena e a miscigenação, o convívio com os povos tradicionais e seus saberes perpetuam as gerações. Sempre soubemos que quando menino meu pai foi picado por uma cobra e as folhas da floresta o curaram. Aos 10 anos, aproximadamente, foi também acometido por poliomielite curada com chás e unguentos conhecidos pelos indígenas. Sua sequela não chegou a ser devastadora, tanto é que só fui perceber que meu pai mancava quando já era adolescente. Era comum minha avó passar

receitas de remédios feitos de raízes e folhas para todos os males. Eu achava engraçado quando diziam que para problema de bronquite, asma e problemas respiratórios, o bom era “bosta” de capivara, um santo remédio.

Os saberes da floresta, sempre tiveram um papel especial em nossas vidas. As ervas estavam e ainda estão presentes. Para tosse, melão com folhas de guaco, para mulheres na menopausa chá de folha maceradas de amora. Chá de casca de cebola para tingir cabelos que servia também para infecção urinária. Folha de losna macerada para curar ressaca e para os males do fígado.

Na minha memória olfativa e afetiva sinto ainda o cheiro adocicado do milho verde ralado, da mandioca cozida, da canjica de milho branco com canela, da pamonha, da brancura do beiju. Era só na casa de minha avó que se comia folhas de taioba, o mangará (coração do cacho de banana), as tortas de cambuquira, carne de caça (veado, paca, tatu) com flor de abóbora. Iguarias tão diferentes e exóticas que nunca comentei com minhas amigas porque sabia que iriam achar o hábito alimentar um tanto extravagante.

Ser descendente de indígenas nunca foi motivo de orgulho para ninguém da família, a não ser para o irmão mais velho do meu pai, tio Lázaro, que se casou em Araçatuba, com uma descendente dos Terenas. Com certeza não era bem quista. Lembro-me que a chamavam, com desdém de “a paraguaia”. Só muitos anos depois soube o porquê desse apelido. Os Terenas foram e ainda são povos originários dos charcos entre o Paraguai e o Brasil. Povo valente que lutou na guerra do Paraguai contra o

Paraguai ao lado dos brasileiros e depois contra os brasileiros para garantir suas terras. Eram bons nas negociações e por isso foram chamados à região de Araçatuba para mediar o conflito entre brancos e os Kaiagangs.

Em 1938, aos 16 anos, meu pai saiu de Araçatuba e viaja para São Paulo. Foi o primeiro a chegar à cidade grande, os outros vieram depois e o cetro do patriarcalismo passou do meu avô para meu pai. Homem autoritário, gostava de mandar em todos, na mulher, nos filhos, irmãos, sobrinhos.

As mulheres da família dificilmente se posicionavam. Não me lembro do som da voz de minha avó, nem das minhas tias. Pouco falavam, eram caladas. É possível que esse comportamento de submissão fosse atrelado ao fato de que a maioria delas eram dependentes financeiramente do pai, dos irmãos e depois de seus maridos, além de serem em menor número, eram 5 contra 8 homens. A hegemonia era masculina com ideário machista de submeter o grupo feminino ao substrato de cidadania reforçando o mito da fragilidade, o estereótipo tradicional de subordinação e obediência.

Jonas era o nome do meu pai e como meu avô era moralista e severo para com as mulheres da família. Os homens podiam tudo. Suas regras eram claras: mulher direita não bebia, não fumava, não dirigia, não frequentava “boates” (casa noturna muito comum na década de 60) e deveria ser educada para o casamento.

A ida para São Paulo sofisticou a vida desse povo que veio das brenhas do sertão mato-grossense, descendente de indígenas. Era preciso ser e se parecer com

o povo da cidade grande. Na década de 30 a política do branqueamento estava em plena execução e nesse ideário eugênico entravam todos os não brancos muito embora, a aparência física da família, em sua maioria, era a de caboclo e a minoria guardavam traços mais europeizados herdados da família portuguesa de minha avó a aproximação com o homem urbano e branco se fez proeminente.

Alienar sua identidade para se sentir incluído foi a estratégia utilizada e de fato deu certo. Em São Paulo, no bairro do Brás, conhecido como bairro operário, meu pai Jonas, cursou o curso de contabilidade. Provavelmente foi o único de seus irmãos e irmãs que avançou nos estudos além do antigo ginásio. Isso lhe dava certa ascensão sobre o resto da família e mesmo na sociedade quando muitos poucos poderiam cursar uma universidade.

Dez anos após chegar em São Paulo, sua vida financeira estava estabilizada com grande promessa de prosperidade. Se casou com minha mãe, filha de espanhóis e sobre ela exerceu todo seu poder patriarcal. Era um homem bom e eu o amava, muito embora nossa convivência tenha sido conflituosa. Era muito trabalhador, nunca deixou faltar nada a sua família nuclear e a seus pais, encaminhou seus irmãos e sobrinhos ao mundo dos negócios. Eu e meus irmãos tivemos uma vida confortável, frequentamos as melhores escolas de São Paulo, tínhamos direito a várias regalias que a maioria das pessoas não tinham e não têm. Mas em troca queria receber obediência cega. Seus preconceitos contra pessoas não brancas, muito provavelmente oriundo do apagamento

de sua origem, e seu machismo não foram suficientes para suplantar o tempo com novos ares de modernidade.

Os anos finais da década de 60 foram implacáveis ao seu tradicionalismo. As mulheres da nova geração da família romperam com o patriarcalismo e se transformaram em *botocudas*.

Acervo Pessoal



Meus Avós

Meus pais



Acervo Pessoal

MARIAS DE LOURDES: PASSADO E PRESENTE!

Mônica da Silva Pereira¹



Acervo Pessoal

Mônica Pereira comemorando seu aniversário de três anos de idade, ao lado dos avós maternos: Maria de Lourdes e Antônio Barbosa

É com imenso prazer que eu vos apresento Maria de Lourdes Minervina da Conceição (*in memoriam*).

Maria de Lourdes, mulher preta, pobre, analfabeta, nasceu na cidade de Vitória de Santo Antão, ficou órfã de pai e mãe ainda criança, o que resultou em uma infância

¹Assistente Social. Pós-Graduada em Políticas Públicas. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Políticas Públicas - Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

e adolescência marcada por situações de violência e de trabalhos em condições análogas à escravidão.

Infelizmente, o fato de, no século passado, Maria de Lourdes encontrar-se em situações análogas à escravidão nos provoca e nos convida a atentarmos para a manutenção das violações de direitos que perpassam a vida das mulheres negras séculos a fio, como aponta o jornal Agência Brasil, que noticia que, só no ano de 2020, cerca de 942 pessoas foram resgatas em situações análogas à escravidão no Brasil.

Durante toda a vida, Maria de Lourdes apegou-se à fé. Nascida em 08 de dezembro de 1939, era devota de Nossa Senhora da Conceição e atribuiu à Santa, celebrada no mesmo dia em que nascera, todas as “graças” alcançadas em vida. Apesar de devota, Lourdes Preta, como era chamada pelos vizinhos, não gostava de ir à missa. O fato de não conseguir ler a bíblia, em virtude da sua escolaridade, a constrangia e, assim, Maria de Lourdes passou boa parte da vida frequentando a igreja católica, mas sempre posicionada em pé, próximo à porta da igreja ou depositando sua fé na missa transmitida pela rádio local da cidade de Limoeiro, no estado de Pernambuco.

O radinho, comprado com muito suor, não adveio do trabalho degradante enquanto trabalhadora doméstica em condições desumanas, e, sim, oriundo do seu trabalho no campo da informalidade enquanto vendedora ambulante na feira de Caruaru, que teve enquanto marcador profissional por muitos anos a instabilidade, baixos rendimentos e ausência de proteção e de direitos, sendo este o cenário social responsável pela criação dos cinco

filhos que Maria de Lourdes teve com Antônio Barbosa, de codinome Antônio Borracheiro, em referência a sua profissão.

Maria de Lourdes, assim como tantas outras milhares de mulheres negras no Brasil, chorou a morte do filho mais novo, Rafael Barbosa da Silva, executado em via pública aos 26 anos de idade, fazendo com que, para além da dor e do luto, Maria de Lourdes tivesse que lidar com a dor da impunidade que paira, ainda nos dias atuais, no coração de milhares de mães negras no Brasil.

Como aponta o jornal Carta Capital,

A juventude negra é a maior vítima de homicídios no Brasil desde que se começou a fazer estatísticas neste país. No ano de 2016 , 62.517 mil pessoas foram assassinadas no Brasil, 33.590 jovens foram assassinados, sendo 94,6% do sexo masculino e desse percentual, 71,5% são negros A taxa de homicídios de negros é de 40,2 por 100 mil habitantes enquanto que a taxa de homicídio de não negros é de 16,0. (Capital, 2019).

O processo de luto de Maria de Lourdes foi marcado por um processo de depressão profunda, que resultou em uma diabetes emocional, fazendo com que envelhecesse antes do tempo e tivesse, enquanto determinante complementar, o desprestígio epistemológico, político e policial de suas lágrimas (AKOTIRENE, 2019).

Faleceu no dia 08 de agosto de 2006, sem aposentar-se, sem a resposta para o homicídio do seu filho mais novo e sem que aqueles que a colocaram em situações degradantes de trabalho fossem responsabilizados por todos os danos a ela causados. Partiu, deixando saudade,

o seu legado de força, resistência, integridade e uma neta que reescreve a sua história, parecida com a de tantas outras Marias de Lourdes, na esperança de que ecoarão no futuro sementes de justiça e reparação.



Acervo Pessoal

Maria de Lourdes no Santuário de Nossa Senhora da Conceição, na cidade do Recife

Referências

AKOTIRENE, Carla. **INTERSECCIONALIDADE**. 4. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 63 p.

CAPITAL, Carta. Necropolítica de extermínio estatal segue matando jovens negros: o extermínio da juventude negra não é pontual e não pode ser compreendido de forma desarticulada com outras questões. **Carta Capital**. São Paulo, p. 01-03. 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/necropolitica-de-extermínio-estatal-segue-matando-jovens-negros/>. Acesso em: 28 set. 2021.

PAULA, Claudia Felczak de. Fiscais resgatam 942 pessoas em situação análoga à escravidão em 2020: o estado de minas gerais foi o que mais teve ações de fiscalização. **Agência Brasil**. Brasília, p. 01-03. 27 jan. 2021. Disponível em: <https://agencia-brasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-01/fiscais-resgatam-942-pessoas-em-situacao-analog-a-escravidao-em-2020>. Acesso em: 28 set. 2021.

EURÍDICE ELEUTÉRIA CAMPOS: MULHER, FILHA, MÃE, AVÓ, BISAVÓ E MINHA PRIMEIRA INSPIRAÇÃO

Natacha de Melo Fragoso¹

Eurídice Eleutéria de Melo, registrada como Eurídice Eleutéria Campos, acompanhando o nome da mãe, Dona Francisca Eleutéria Campos, nasceu na casa dos seus pais, em Recife, no dia 01 de agosto de 1936. Seus pais, João Paulo de Santana e Francisca, tinham mais de 60 anos quando a adotaram, logo após o seu nascimento.

D. Francisca tinha casa em Coqueiral e em Casa Amarela, e alternava a moradia de acordo com as épocas do ano devido a problemas de saúde. Em razão da idade avançada e dos problemas de saúde, Sr. João Paulo e Dona Francisca casaram a filha com o Sr. Ivo Batista de Melo quando ela tinha 14 anos de idade².

Antes de casar, Eurídice estudou na escola Dom Vital, no bairro de Casa Amarela, até a terceira série do ensino fundamental. Sabe ler, escrever e fazer cálculos básicos. Ainda lembro dos seus cadernos de pauta pequenos. Receitas, contas, tudo registrado. Saiu

¹ Assistente social pela UFPE, especialização em gestão de programas e projetos pela Unicap Assistente social pela UFPE, especialização em gestão de programas e projetos pela Unicap

² O Brasil é, hoje, o 4º país no mundo em casos de casamento infantil.

da escola após algumas divergências com outras meninas, que questionavam o fato de a mesma ter sido adotada. Aqui, ainda estamos nos anos de 1940.

Nos início dos anos 1950, chegou a hora do casamento. O homem que veio a ser seu esposo era dez anos mais velho. Eurídice Eleutéria Campos passou, então, a se chamar Eurídice Eleutéria de Melo.

Dona Eurídice teve 5 filhos. O primeiro, homem, nasceu no hospital tricentenário, em Olinda. As quatro seguintes, mulheres, nasceram em casa, com auxílio de parteiras. O casamento durou até a filha mais nova completar 9 anos. Na época da separação, minha avó fez a mudança sem comunicar ao marido. Fez acordo com um vizinho que tinha um caminhão, e a família, agora formada por uma mulher e cinco filhos, saiu do bairro de Jardim São Paulo para morar no bairro do Amparo, em Olinda.

Ela não sabe, mas quando eu soube dessa parte da história, na minha infância, gostei. Não da separação em si, mas da possibilidade que essa separação permitiu a mim, como mulher, como possibilidade de liberdade. Até hoje, as mulheres são criadas para casar e ter filhos, além de fazer de tudo para manter a instituição “casamento”. E esse ensinamento era explícito na minha família e na sociedade. Quando soube que uma mulher não precisa ficar casada, abriu a possibilidade de pensar que eu mesma não precisaria nem casar, nem ter filhos. Obrigada, vovó Nininha!

Claro que a situação para uma mulher, na década de 1970, já sem os pais, com cinco filhos, num período

de ditadura militar, não foi uma situação agradável. Mas, sem dúvidas, foi libertador sair de um casamento não desejado.

Ainda durante o casamento, o contato com a família consanguínea foi estabelecido. Vovó Nininha tinha duas irmãs: Mara, que faleceu aos 96 anos, e Sônia, que faleceu que faleceu aos 74 anos. Sua mãe, Bisa Salvina, morreu com mais de 80 anos. Já meu avô Ivo, morreu aos 55 anos, vítima de acidente de trânsito.

Depois de alguns anos, casou-se novamente com o Sr. Herlon. Além disso, trabalhou por 20 anos como voluntária da igreja católica, auxiliando diariamente o padre João Carlos, da Igreja Nossa Senhora do Carmo e, posteriormente, o padre Roberto, na Igreja Matriz de Santo Antônio.

Dona Eurídice tem hoje 85 anos. É uma mulher forte e guerreira. Estudou até a terceira série do ensino fundamental e levou os filhos à conclusão do ensino médio, sendo que duas de suas filhas concluíram a graduação. Seus netos já avançaram, pelo menos, mais um degrau, de cursos técnicos ao doutorado. E tudo começou numa pequena casa, no bairro de Casa Amarela, em Recife.



Acervo Pessoal

Comemoração do aniversário de 85 anos,
em 01 de agosto de 2021



Acervo Pessoal

No aniversário de 85 anos



Acervo Pessoal

No aniversário de 82 anos, em 2018, com dois bisnetos



Acervo Pessoal

No aniversário de 80 anos, em 02 de agosto de 2016

Referências

Brasil é o 4º país no mundo em casos de casamento infantil
< <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-e-o-4-pais-no-mundo-em-casos-de-casamento-infantil/>> Acesso em 21/08/2021

QUE COISA BOA É TER AVÓS!

Sandyelle Feitosa de Sena¹

Voinha e voinho, carinhosamente assim por mim chamados. Fonte de riqueza, sabedoria, acolhimento, carinho, confiança e vivências marcadas por uma dada realidade e um período histórico específico.

Josefa Maria da Conceição, avó por parte de pai, empregada doméstica, moradora da cidade de Orobó, interior do estado de Pernambuco, a cerca de 108,3 km da capital (Recife), buscava uma vida melhor na década de 50, com as mudanças, transições e propostas do famoso 50 anos em 5, a chamada meta-síntese: a construção de Brasília e a transferência da capital federal, prometiam novas perspectivas para as/os brasileiras/os.

Analfabeta e mãe solteira, cuidando do seu único filho sem a presença do pai, este que, quando descobriu tê-la engravidado, sumiu e só reapareceu depois de muito tempo. No entanto, nem o meu pai (Roberto Moura de Sena), nem minha voinha, dona Josefa, quiseram aproximação com ele. A única notícia que tenho é que se chamava José.

¹ Estudante de Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco, orientanda do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Voinha sempre foi uma mulher de coragem e palavras prontas. Era fã de ditados populares os usava constantemente, sempre com um presente ou uma comidinha cheia de afeto. As nossas tardes sempre eram com um sabor de imensidão, longas e extremamente prazerosas. Na companhia dela, os cochilos, a ida e a volta para escola eram motivos de alegria, e de muito cuidado. Ela era incessantemente atenciosa, nunca deixava faltar nada, levava e buscava na escola eu e meus irmãos, sempre muito atenciosa.

Durante um período, eu a acompanhei, por muito tempo, em aulas fornecidas pela Prefeitura do Recife, em parceria com a comunidade na qual vivíamos. Eram fornecidas aulas para idosos de diferentes bairros pobres; foi lá que ela conseguiu desenvolver algumas habilidades de escrita. Nas horas vagas, após um café quente, treinávamos juntas o que ela tinha aprendido e o que eu havia aprendido na escola, uma mesa de canto branca com alguns rascunhos ganhava vida em nossas longas prosas. Em uma tarde a ensinei a fazer seu nome.

Durante o período carnavalesco, na capital pernambucana, ela pegava um ônibus, mesmo com toda dificuldade, pois ela fora acometida durante a velhice por osteoporose, uma doença que dificultava andar. No entanto, ir ao centro e fazer o retorno, mesmo sem descer do coletivo e olhar pela janela a cidade em festa, ver o grande galo gigante erguido tomando conta da Ponte Duarte Coelho, Recife, o tão famoso Galo da Madrugada, era motivo de felicidade.

Era uma grande admiradora do colorido e da magia do carnaval. Fumava cigarro para passar o tempo, como ela mesma declarava; essa era a sua justificativa para não largar o vício. Veio a óbito aos 76 anos de idade por uma doença pulmonar, consequência do uso, por muito tempo, do fumo. Indescritíveis momentos, e infinitas lembranças marcaram a nossa profunda relação. Deixo aqui registrada minha admiração a avó paterna, uma mulher do seu tempo, mas cheia de coragem e amor.

Ismênia Gomes de França e José Feitosa Filho, ou Vó Ismênia e vô Zeca, carinhosamente assim chamado, um amor roxo que eu e meus primos vivemos com esses dois, meus avós maternos. Muitas histórias e lembranças, mesmo com todos os percalços e inseguranças da nossa família. Tê-los foi a nossa maior dádiva e inspiração, seja do que ser e fazer, ou do que não ser e não fazer. Voinha e voinho, mesmo depois de terem partido, sempre foram motivos de choros de alegria ao lembrar deles, seja ouvindo uma música, seja assistindo uma novela, seja com a lembrança de momentos ímpares.

Coincidência ou não, os dois eram primos. Viveram 60 anos juntos, tendo o seu primeiro filho um pouco antes do período ditatorial, contado por eles como um momento bastante assombroso da história e da vida deles. Vó ao assumir-se companheira de vô já possuía um filho de outro casamento. Apesar dos 15 anos de diferença entre os dois, viveram até o fim de suas vidas juntos.

Buscando melhores condições de vida, seguiram para o Rio de Janeiro. Lá, enfrentaram muitas dificuldades, dormiram muito tempo na rua, pediram ajuda nos

coletivos, até que dona Ismênia conseguiu emprego em uma casa de família.

Passaram apenas um ano em uma tentativa frustrada de melhoria de vida. Retornaram para Recife, tiveram mais dois filhos Hirlene, e Sandra Helena Gomes Feitosa de Sena (minha mãe), por quem possui um carinho e imensa admiração. Voinho (José) aprendeu a tirar fotos e tornou-se fotógrafo, possibilitando um avanço na situação financeira da família. Na casa de vó e vô, podia chegar a qualquer hora, sempre tinha uma comidinha, um bolo, ou, até mesmo, um banquete esperando você.

No entanto, nem tudo foi tão romântico e feliz. Ao longo da vida, reproduzindo e legitimando uma ordem patriarcal e sexista, vô teve lá os seus defeitos, relacionou-se com diversas mulheres durante o período em que morava com vó Ismênia, causando traumas, marcas e sequelas que ela contava e relembrava até o final de sua vida. Sempre falava das vezes que pegou ele no flagra, descobrindo outros filhos, e, quanto mais procurava, mais história aparecia. Vô chegou até a se relacionar e engravidar a irmã da minha avó.

Em contrapartida, foi o melhor avô do mundo. Era assim que todos os netos e netas gostavam de chamá-lo. Pense num vô babão era o meu, que sorte eu tive de tê-lo. Acompanhava-me nos desfiles de modelo, de carnaval, nas peças do teatro, quando participei. Sempre se fez presente, incentivando, apoiando e fortalecendo a ideia de que estaria sempre ao meu lado. E, até hoje, eu sinto ele ao meu lado, sinto a sua presença, o seu cheiro... é

como se eu pudesse escutá-lo, e, mais, é como se eles três fossem meus anjos da guarda. Que coisa boa é ter avós!

Por conviver dentro de uma lógica que legitimava o machismo, meu avô tinha uma postura que fortalecia tal prática, pois o seu próprio pai reproduzia a mesma situação com a sua mãe Sebastiana. Nas décadas de 60/70/80, essa ideia conservadora sustentava-se e configurava a vida de muitas famílias. José Feitosa Filho morreu aos 73 anos, vítima de um câncer de próstata, o qual negou a possibilidade de existir devido ao desconhecimento da doença. Ao falecer, deixou 11 netos e 4 bisnetos.

Ainda sobre a morte de voinho, vó Ismênia, chamada carinhosamente de Mena, sofreu e chorou a morte do seu companheiro, chegando, antes de sua morte, a visitá-lo no hospital. Durante o seu tempo livre, sempre relembrava as diversas peripécias vividas pelos dois. Voinha, depois que voltou para o Recife, não trabalhou mais e tornou-se dona de casa, vivendo a amarga dor de ser uma mulher marcada por uma sociedade patriarcal. Para vó, era “normal” aquela situação, era costumeiro vô chegar da casa das outras mulheres e voinha se fazer de doente, no mesmo instante para conquistar a atenção dele. Mesmo com todas as contradições, vó Ismênia e vô Zeca morreram amigos e deixaram o seu legado marcado por gerações na Família Feitosa.

E, hoje, como uma Feitosa de (Sena), sobrenome herdado do pai do meu pai, mesmo não o tendo assumido como filho, sinto-me no dever de desconstruir essa lógica patriarcal, machista, racista e sexista. Como estu-

dante de Serviço Social, busco uma nova ordem social, livre de explorações e/ou opressões.

A meus avós, dedico este texto simples, mas cheio de carinho e emoção em um relato direto, mas rico de memórias afetivas e muita, mas muita saudade. Texto nenhum descreve...

Acervo Pessoal



Eu e vô Zeca, em um desfile de Miss em 2006

Acervo Pessoal



eu e vô Ismênia

Acervo Pessoal



eu e vó Zefa

eu, vó Ismênia e vô Zeca,
uma das nossas últimas
fotos; eu tinha 10 anos



Acervo Pessoal

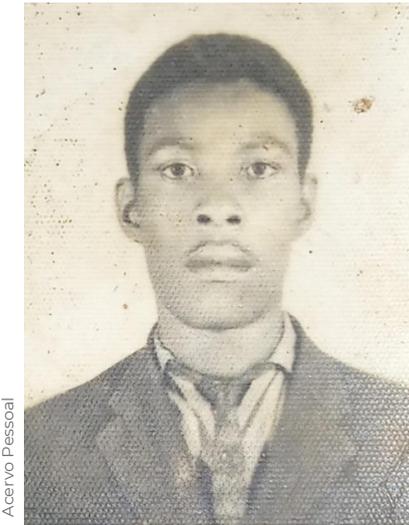
Acervo Pessoal



Minha avó
Ismênia Gomes de
França, por ocasião
do meu batizado, aos
7 meses

DEIXA QUE EU CONTO: AS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE JOSÉ PAULO (PAI)

Taluana Lidiana da Silva¹



Acervo Pessoal

Nascido em 02 de Janeiro de 1952, José Paulo da Silva, mais conhecido como Pai pelos familiares, foi um homem de pele negra escura, com os olhos castanhos escuros, cabelos crespos e feições da etnia do povo preto, com altura de aproximadamente 1,80 metros, muito carinhoso e tímido com todos.

Filho da Maria do Carmo da Silva e do Sebastião Cassiano da Silva, irmão do Nelson, Juarez e Marinete da Silva - aqui vale ressaltar que não consegui ter acesso aos nomes completos deles, então coloquei o sobrenome Silva, o qual é uma marca em nossa família.

¹Graduanda em Serviço Social pela Universidade Católica de Pernambuco

Pai nasceu na cidade de Escada na Zona da Mata Sul em Pernambuco, mas sua família é natural do Cabo de Santo Agostinho que é situado na mesma Zona, em cujas adjacências havia, e ainda há, uma presença muito forte das usinas de cana-de-açúcar. E é devido a essas usinas e suas condições de trabalho que minhas análises e estudos sobre a temática me fizeram ter uma noção de que, nos anos 50, ocorria de maneira mais expressiva a mais-valia, em divergência com os direitos humanos. Devido a este fato, Pai e sua família migraram de Ponte de Carvalhos (Cabo) para Limeira (Ribeirão), e, por fim, chegaram ao Engenho Pé de Serra (Primavera).

Ainda muito jovem, resolveu sair de casa e morar sozinho devido aos diversos conflitos familiares envolvendo questões ligadas à violência doméstica, alcoolismo e tabagismo. A partir desse ponto, apesar de ter vivido um período sofrido e de grandes turbulências, ele manteve sua essência em ser calmo e gentil, de modo que acabou por tornar-se querido pelas pessoas que o conheciam. Foi ainda neste período que começou a trabalhar para uma usina de cana-de-açúcar, da qual foi funcionário por mais de quarenta anos na função de cortador de cana.

Aos vinte e poucos anos, conheceu sua companheira de vida, minha avó Costa Pereira da Silva, uma mulher branca, olhos castanhos claros, de cabelos castanhos e ondulados. Ele casou-se com ela em 01 de dezembro de 1978, teve quatro filhos, mas também criou e registrou em cartório outros dois filhos que ela já tinha antes de se casarem. Desenvolveu algumas paixões que levou consigo até seus últimos anos de vida, tinha um grande apreço

e carinho por seus cavalos e pela vida humilde do interior. Era extremamente cuidadoso e amoroso com seus filhos e netos, chegou a criar alguns netos e nos ensinar o valor das ações. Ações que demonstravam muito mais do que palavras, ações que condizem com o homem que ele foi até o seu último dia de vida.

Aos 63 anos, na cidade de Escada, Pai faleceu em decorrência das complicações causadas pela diabetes e outras doenças que foram descobertas após a morte. Apesar de sua partida, ele deixa um legado presente em cada um dos que tiveram o prazer de conhecê-lo. Dessa forma, encerro este relato com um sentimento de saudade, orgulho e gratidão por todos os ensinamentos, todas as descobertas e momentos que ele pôde me proporcionar. Sua história me fez perceber quebras de preconceitos que ele enfrentou sem ao menos ter noção de sua força para isso, e tal fato me dá ainda mais orgulho e satisfação em contá-la.

Lembrança

Esses dias tenho pensado

Pensado na falta, na presença, na morte

Pensado em tudo que poderia ter sido, mas não foi

Esses dias tenho pensado, pensado em você

Pensado na tua presença e na tua ausência, pensado nas tuas batalhas que foram diárias

E agora não são, não mais

E nesses dias onde tenho pensado, pensei que nunca dissemos um “eu te amo” e também pensei no quanto

tudo isso era desnecessário

Porque o teu e o meu “te amo” não vieram em palavras,
mas em ações

O abraço dado, a fruta tirada do pé, o choro de me ver
indo embora, e o choro de te ver indo embora, aos
poucos...

Afinal, você já não falava mais e não lembrava mais.

Esses dias tenho pensado, pensado em você

E nesses dias em que tenho pensado, me sinto triste

Triste porque você não vai me ver formada,

Triste porque você merecia estar aqui, eu queria tanto
que você estivesse aqui

Triste porque você se foi, e esse é o gosto da perda, o
gosto amargo da tristeza...

Natali Raqueliana

ENTRE CACTOS E SUCULENTAS: UMA FLOR DO SERTÃO (MAINHA)

Teresa Cristina Vital de Sousa¹

Enamorada de Jabitacá
Sertânia vê o sol no seu terreiro
O cacto que enfeita ser-lhe-á
Promessa de um porvir alvissareiro [...]
Sertânia emerge desse mar de pó
Para a ressurreição do Moxotó
(Trecho do hino da cidade de Sertânia)

Há várias formas de revisitar a ancestralidade, sendo todas elas, a meu ver, um retorno ao casulo: aquele lugar que nos deparamos com a nossa essência, que nos reaproximamos de nós mesmas, num ato de refortalecimento e, até, redesenho dos caminhos a seguir. O sertão, o Moxotó, o município de Sertânia, são esses lugares que materializam esse conforto de colo. Falar de colo, é falar de mãe e essas referências trazem à tona minha mãe – o elo com este ser (tão). São de lá nossas raízes. É sobre isso, essa história;

Nossos mais velhos estão representados em várias figuras quase sempre emblemáticas nas nossas vidas, em termos de referências, ensinamentos, com suas mar-

¹ Assistente social. Doutora em Serviço social. Docente do curso de Serviço social da Unicap. Analista do seguro social. Vice-líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Raça, Gênero e Políticas Públicas Unicap

cas históricas de um passado que, quase nunca lhes fora gentil. Ainda que a resiliência do presente os façam recontar suas histórias de forma orgulhosa, a despeito dos sofrimentos vividos.

Como já fora sinalizado, a personagem central deste texto é a minha genitora, a minha mais velha e a mulher de maior referência para minha trajetória de vida. Ao longo dos anos outros mais velhos se foram, o avô paterno nem cheguei a conhecer. Também já faleceram as duas avós com as quais tive o privilégio de conviver e cujos exemplos de vida também me serviram de base e sustentação.

Adeilda Vital de Oliveira Souza, nascida em Sertânia, aos 17 de dezembro de 1922, portanto, atualmente com 79 anos. É a primogênita de uma família de sete irmãos, dos quais dois faleceram precocemente e outro irmão faleceu mais recentemente. Neste caso, hoje são quatro irmãos, três mulheres e um homem, o caçula. Eles residem em Sertânia, com exceção da minha mãe, que veio morar no Recife no ano de 1985, em função das demandas dos filhos por estudo. Porque a faculdade que tinha da redondeza era de formação de professores e esta, com certeza, não era uma opção de profissão para nenhum dos filhos, que viam na labuta dos pais, ambos professores, o desgaste do trabalho e a baixa remuneração. O fato é que hoje, pelo menos três filhas são professoras, só para dizer que nunca sabemos das voltas que a vida vai dar. Neste mesmo ano da mudança meu pai faleceu e ficou Dona Adeilda sozinha com responsabilidade de conduzir os oito filhos numa cidade grande e com uma realidade

desafiadora.

Dona Adeilda, como é chamada minha mãe, é filha de Sebastiana Neves de Oliveira e José Firmino de Oliveira, elas nascida em São João de Garanhuns/PE e ele em Princesa Isabel/PB. Minha avó, então com doze anos fora apresentada a meu avô, que havia saído da sua terra natal. O encontro dele com minha avó, portanto, ocorreu na cidade de Sertânia, onde se casaram e constituíram família.

Meu avô era descendente de índios, viveu a vida a trabalhar para alimentar os filhos. Lembro muito dele trabalhando na agricultura e de como era gratificante irmos todos para a roça na época do plantio ou da colheita do milho, do feijão, principalmente. Porém, com muita dificuldade, além do que nem sempre tinha êxito para trazer alimentação para casa. É neste aspecto que entra a responsabilidade que também recaia sobre minha mãe, na qualidade de mais velha, de também buscar alternativas para ajuda na luta pela sobrevivência.

Conta que colaborava com meu avô de várias formas, vendendo frutas, verduras na rodoviária, depois em banco da feira. Assim como também aprendeu a costurar sapatos e roupas e passou a usar estas atividades como forma de ganho. Apesar da dura realidade, conta que não perdia o foco nos estudos, tanto que se formou no curso de normalista o que lhe deu condição de ser professora.

Não parou por aí, mesmo depois de casada e com oito filhos – o que para os dias de hoje nos parece algo perfeitamente normal – mas que há quarenta anos atrás tinha outra conotação, mesmo porque faculdade de for-

mação de professores, a qual cursou, localizava-se em outro município distante de onde morava. Este fato acho bem relevante porque denota a garra e a fibra desta mulher que não desfocou dos seus sonhos mesmo com a responsabilidade de criar não um, mas oito filhos. Com certeza, uma mulher à frente do seu tempo.



Foto: arquivo da família Vital. Painho (seu Vital, mainha e sete filhos).
Foto de 1976, A filha caçula ainda não havia nascido.

Com certeza estas escolhas foram definitivas para sua trajetória de vida, porque mainha ficou viúva ainda muito nova, com cerca de 40 anos, meu pai faleceu com 50 anos, ainda muito novo ficando a cargo dela a criação da sua prole. Apesar da árdua tarefa, hoje posso afirmar com certeza que cumpriu bem o seu papel e ainda tem a grata satisfação de ver todos os seus filhos – cinco delas mulheres e três homens – encaminhados na vida.

Fácil a vida não foi, a profissão que escolhera e enquanto trabalhadora assalariada viveu a vida com muita dificuldade para alimentar os filhos e não lhes deixar faltar o alimento, mas certamente durante muitas noites perdeu o sono pensando em como garantir o essencial

para a vida. Mas esta dura realidade não lhe deixou amarguras, nem sentimentos pesarosos. Ao contrário, sempre convivemos com uma mulher alegre, cheia de vida, com um gosto acurado pelas artes, sobretudo pela música. Dona de uma voz belíssima, depois de aposentada e dos filhos criados, como diz a história, buscou realizar antigos sonhos. Fez parte de coral, desfilou e blocos líricos e aqui e ali dá uma “palhinha” na música quando lhe surgem as oportunidades.

Festeira, alegre, saltitante e feliz seria uma das formas de defini-la, no seu relato quando realizamos a entrevista para o artigo, mesmo sabendo de sua história e de quão dura for a sua luta, não é isso que transparece na sua fala, mas fica evidente um discurso de superação e resiliência diante da vida, onde o foco maior hoje, inclusive e tempos pandêmicos como esse que estamos vivendo é o gosto pelo viver, a satisfação pelo que a vida pode lhe oferecer, ou mesmo pelo que lhe foi possível colher.

Como filha mais velha dos seus sete irmãos, também pode-se perceber como essa sua vitalidade contagia os demais e como vai sendo referência com seus exemplos e ensinamentos, ainda que apenas pela forma de viver. Certamente essa sua trajetória espelhou-se na forma como cada filha ou filho conduziu as suas vidas. Uma frase que lhe é muito corriqueira, é que seus filhos não lhe deram trabalho, que só tem motivos para se orgulhar.

O que, logicamente não é de todo verdadeira tal afirmação, pois me ocorre muito a lembrança de em momentos de conflitos entre os filhos – que não eram pou-

cos – e um ou mais levava as queixas para ela, de acordo com o nível de estresse, ela dizia: “eu não sou mãe de ninguém”. Claro que era uma estratégia de uma suspensão momentânea do cotidiano, certamente para dar um fresco na cabeça, diante do que deveria ser lidar com as queixas de oito filhos.

Estes lampejos de realidade que me ocorrem, para além do que a mesma relatou ao contar sua história de vida, é a forma de engrandecer ainda mais o que resultou na sua forma de ser hoje, de encontrar tanta vivacidade mesmo já tendo vivido tanto desgaste. Porque a luta pela sobrevivência já há impulsionada mesmo quando jovem sendo a mais velha dos filhos, e assumindo também este papel de apoio junto ao genitor para buscar o sustento também para os irmãos e irmãs mais novos.

Daí decorre a conclusão de que esta nunca teve um papel secundário na condução na vida, sempre esteve à frente do seu tempo.



Acervo Pessoal

Adeilda Vital de Oliveira Souza

MÃE CARMINHA - BREVE APRESENTAÇÃO DA MULHER INCRÍVEL QUE EU GOSTARIA DE TER CONHECIDO UM POUCO MAIS

Thisbe Drielle Martins Abage¹



Acervo Pessoal

Mãe Carminha, 1994

Em 1924, o Brasil era governado pelo presidente mineiro Artur Bernardes na época da Primeira República, e seu mandato foi marcado por diversas revoltas do movimento tenentista em várias regiões do país, o que levou Bernardes a decretar estado de sítio até o final de seu governo (Velasco, s/d).

No mesmo ano, em Pernambuco, no dia 06 de agosto, nasce Maria do Carmo Souza Martins em uma cidade chamada São Bento do Una, localizada a 179.60 km de Recife. Maria do Carmo é a filha caçula de Maria Carolina do Espírito Santo e irmã de Maria do Nascimento, Maria Josefa e Maria Lenira. Sobre os outros dois irmãos,

¹Bacharela em Serviço Social pela Universidade Católica de Pernambuco e Especialista em Direito Social e Políticas Públicas pela Faculdade Frassinetti do Recife.

não se sabe muito a história, apenas que um faleceu ainda criança e outro foi embora quando jovem.



Acervo Pessoal

Maria Carolina do Espírito Santo tinha apenas uma irmã que faleceu. Se casou aos 16 anos e ficou viúva ainda jovem. Em razão disso, os familiares do seu então companheiro a separaram de seus filhos, e cada um deles foi viver em um lugar diferente. Sendo assim, Maria do Carmo passou a morar com seu tio

que não permitia que ela frequentasse a escola e a forçava a trabalhar na área rural da cidade.

O trabalho infantil durante décadas foi tido como algo normal e necessário, sob o discurso de dignificar a pessoa, principalmente no período industrial, quando a mão de obra infantil era priorizada pelo baixo custo, por exemplo, e, conseqüentemente, mostrava-se precarizada em razão da extensa jornada de trabalho em condições insalubres.

De acordo com Paganini (2011 p. 05), em 1934 é que o Brasil traz em sua constituição a proteção de crianças e adolescentes contra a exploração do trabalho infantil através da “proibição do trabalho aos menores de quatorze anos, de trabalho noturno a menores de dezesseis e em indústrias insalubres a menores de dezoito”. Por outro lado, o trabalho realizado no âmbito privado, que

foi historicamente relegado às mulheres no contexto patriarcal e machista, seguia sendo realizado por crianças, especialmente as meninas.

A irmãs de Maria do Carmo conseguiram sair da casa dos familiares para seguir a vida em outro lugar. Maria também conseguiu fugir da casa do tio e seguiu em busca das irmãs, perguntando a todas as pessoas que pudessem lhe ajudar. Por fim, conseguiu localizar todas as irmãs inclusive sua mãe. Passou a ter mais contato com as irmãs Lenira e Josefa, e a conviver com a mãe em Recife.

Acervo Pessoal



Família reunida

Novembro 1982



Acervo Pessoal

Maria do Carmo trabalhava como lavadeira e conheceu Nelson de Araújo Martins no ponto de ônibus. Iniciaram uma amizade que logo se transformou em romance, levando Nelson a romper o noivado que tinha na época e começar a namorar com Maria.

Nelson nasceu em 17 de janeiro de 1924 e foi adotado por sua madrinha em razão do falecimento dos seus pais quando ele ainda era criança. Quando adulto, tornou-se eletricitista de automóvel e trabalhou durante muitos anos como motorista pela Companhia de Transportes Urbanos – CTU.



Vô Nelson e o ônibus no qual trabalhava

Maria e Nelson se casaram em 1947, uma união que não foi bem vista pela madrinha de Nelson que era racista² e, por isso, não aprovava o casamento. Por outro lado,

² De acordo com Silvio Almeida (2019, p. 23), “racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em vantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam.” Com isso o autor aponta para a diferenciação existente entre o

Nelson era muito querido por Maria Carolina, sua sogra que o tratava como filho. Assim, passaram a morar todos na mesma residência, juntamente com seus nove filhos.

Das lembranças que os filhos trazem da relação entre Nelson e Maria, a mais viva é a de que Nelson era muito brincalhão e mais tranquilo, enquanto Carminha, como era chamada, era mais séria, mais rígida, a que castigava mais severamente os filhos quando não se comportavam da maneira que ela julgava correta. Muito da sua forma de criar seus filhos foi reflexo das violências que sofreu quando criança, da criação que recebeu convivendo com seu tio. Nelson trazia o equilíbrio para a relação que funcionava bem, uma vez que não há relatos de discussão ou briga entre o casal.

Após trinta anos de casamento, Nelson faleceu em razão do câncer de próstata. No período em que esteve doente, Carminha foi diagnosticada com diabetes e pressão alta emocional. Já nos anos 80, ela teve princípio de Acidente Vascular Cerebral - AVC e, em 02 de junho de 2005, veio a falecer em decorrência do quinto AVC. Em seu velório, familiares, amigos e vizinhos compareceram para se despedir.

A família sempre foi muito querida e respeitada na vizinhança. Mesmo com o fato de Maria Carolina haver tido outros casamentos ao longo da sua vida, e de todos eles ter ficado viúva, ainda era tratada com respeito onde

preconceito racial, sendo os juízos de valores atribuídos as pessoas negras, e a *discriminação racial*, sendo o tratamento dado as pessoas negras que por vezes afeta e influencia as relações interpessoais. No caso de Nelson, o racismo praticado pela sua madrinha contra Carminha, de forma mais explícita, fez com que ele, de certa forma, rompesse com os vínculos familiares.

morava. Por também ser benzedeira, mesmo sendo católica, a relação com os vizinhos se estreitava por muitos a procurarem para se curarem através das rezas.

Sobre esse aspecto, Cunha (2018) destaca que o catolicismo popular difere do oficial porque as rezas de cura são adaptadas, ressignificadas a partir do contexto histórico e da necessidade de determinada população. A reza popular mescla “conhecimentos de religião e medicina popular (o manuseio com ervas e plantas medicinais) em benefício da comunidade, na tentativa de estabelecer a ordem e sanar males da população da qual fazem parte” (p. 23).

Ainda que vivessem com o mínimo necessário para sustentar a todos, as portas da casa sempre estavam abertas para quem necessitasse de ajuda. A exemplo disso, os filhos de Mãe Carminha contam que, durante a enchente que houve em 1975, a maior já registrada na história da cidade do Recife, muitas pessoas da vizinhança buscaram abrigo na casa de Carminha.

São muitas lembranças trazidas dos filhos e netos que conviveram com Mãe Carminha, como a chamavam. O carinho que ela tinha pelos netos era de tal forma que ela não deixava que os filhos os repreendessem. Essa atitude era vista por muitos como uma forma de ela se redimir ou desculpar pela forma como ela tratou seus filhos, ainda que isso não fosse algo que os filhos exigissem dela. A maioria entedia sua maneira de ser e a aceitava e amava de toda forma.

Acervo Pessoal



Aniversário de 70 anos



Vó Carminha e Thisbe em 1995



Natal 1996



Aniversário de 1 ano de Ingrid

Referências

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

CUNHA, Celina Gontijo. A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras. 2018. Disponível em <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10284/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Pr%C3%A1ticaBenzedeiraMem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em 22 ago. 2021.

PAGANINI, Juliana. O trabalho infantil no Brasil: uma história de exploração e sofrimento. Amicus Curiae, v. 5, p. 1-11, 2011. Disponível em <<http://periodicos.unesc.net/amicus/article/view/520>> Acesso em 22 ago. 2021.

VELASCO, Valquiria. Revolta Paulista de 1924. Disponível em <<https://www.infoescola.com/historia/revolta-paulista-de-1924/>> Acesso em 20 ago. 2021

TANTAS EM UMA: UMA NARRATIVA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DAS HISTÓRIAS OUIDAS E VIVIDAS SOBRE E COM MINHA VÓ

Valdenice José Raimundo¹



Fonte: Arquivos da família
José Manoel Raimundo (vô) e D. Isabel (vó)

Seu nome de registro, Maria Josefa da Luz. Casou-se e passou a ser chamada de Maria Josefa Raimundo.

¹ Dra. Em Serviço Social. Professora da graduação e da pós-graduação da universidade Católica de Pernambuco. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Raça, Gênero e Políticas Públicas.

Aposentou-se e decidiu ser chamada de Maria Florentina da Conceição, mas todos a chamavam de D. Isabel.

Nascida em 1918, era filha de um agricultor e uma agricultora. Seu pai, Manoel Joaquim dos Santos, e sua mãe, Josefa Maria da Conceição. Minha bisavó era aguerida e determinada, trabalhava na lavoura até o dia da criança nascer. Só parava quando as dores chegavam.

Casou-se com José Manoel Raimundo, que era agricultor como seu pai e sua mãe, nascido em 1913. Mãe de 12 filhos, dos quais apenas nove sobreviveram, sendo 6 homens e 4 mulheres. Um dos 4 homens era meu pai, Valdemar José Raimundo. Um fato interessante sobre os filhos é que uma das filhas morreu aos 7 meses e não lhe deram um nome. Ela era a encostada ao meu pai. A razão para isto foi o fato de ela não ter sido batizada; sem o batismo não foi registrada. A criança não foi enterrada no cemitério e ficou conhecida como Maria do caminho.

Minha vó era natural da cidade de Feira Nova, município pernambucano conhecido pela produção de farinha de mandioca e lavoura de subsistência. Fica próxima a Glória do Goitá, Limoeiro e Vitória de Santo Antão. Ela saiu com sua família de Feira Nova e morou, primeiro, no engenho Boa Sorte e, depois, no engenho Bento Velho. Nos engenhos, meus avós trabalhavam na terra, cultivavam flores, frutas, feijão, macaxeira, mandioca, etc. Toda a produção era voltada para a alimentação da família, e o excedente era vendido aos sábados na feira em Vitória de Santo Antão. Eles também criavam pequenos animais (galinhas, cabras...) que cumpriam a mesma função, a subsistência. Contudo, como arrendeiros da terra, plan-

tavam, ainda, cana de açúcar, mas toda produção era repassada aos donos do engenho.

Eu recordo que, nas terras do engenho, tinha uma casa de farinha. E os moradores dos sítios iam com suas famílias fazer farinha. Lá, as pessoas mais velhas raspavam, imprensavam a mandioca e dela extraíam a goma e a farinha. Enquanto as crianças brincavam no entorno, as mais velhas podiam ajudar. Eu tenho uma memória gustativa que era a seguinte: quando a farinha era levada para o forno, antes de ela ficar sequinha, ainda mole, minha vó fazia a pissica, ou seja, temperava a farinha com cebolinha, coentro e tomate e acrescentava gotinhas de pimenta. Nós comíamos a pissica com alegria e satisfação. Participávamos do processo, pegando o tomate miudinho, o coentro, a cebolinha ali mesmo na hortinha. Era uma delícia!

Minha vó plantava flores e as vendia na feira aos sábados, costuma sair bem cedo, ainda escuro, do sítio. Lembro-me bem das carmelitas, flores de cores fortes e atraentes. Ela era muito versátil, plantava, colhia, pescava, comercializava a produção do sítio, sem falar que ela ficava atenta às necessidades dos/as netos/as. Quando meus pais casaram, saíram do sítio e foram morar na cidade. Quando ela ia para a feira, trazia o leite de cabra e outros alimentos.

Em relação à pesca, lembro-me que um dia fui com minha vó. A pesca era de manhã cedo e com jereré².

² Aparelho de pesca cuja rede afunilada é de malha trançada e se prende a um aro provido de cabo, sobretudo para pesca em águas rasas e para apanhar crustáceos e peixes miúdos. (Definição encontrada no google).

D. Isabel mergulhava, era muito corajosa, pois havia cobras nos rios. Na pesca, eu tinha a tarefa de recolher os peixes do jereré. Nesse dia, quando ela emergiu o jereré, tinha uma barata d'água gigante. E, aí, eu me assustei e, no quase desespero, perdi tudo o que estava dentro do jereré. Vó ficou bastante chateada e disse que nunca mais me levaria para pescar. Depois do encontro com a barata d'água, eu é que não queria mais entrar nas águas do rio. Minha vó também pescava nas quartas e quintas com outras mulheres da família. Elas traziam os peixes pequenos, temperavam e enrolavam na palha da bananeira e colocavam no fogão a lenha, dentro do fogo, e, quando abriam, era uma moqueca deliciosa.

Minha vó Isabel era muito ativa. Era uma cozinheira de mão cheia, era muito convidada para cozinhar para as festas de casamento, fazia papo de peru cheio, buchada, bode, peru a cabidela. Eu ainda tenho na memória gustativa o sabor do pé-de-moleque, embrulhado na palha da bananeira.

Às vezes, demonstrava um pouco de ciúmes da relação do meu avô com os/as filhos/as. Costumava dizer: “quem dá o pão e não dá o castigo, não merece o paraíso”. Isso porque meu avô não batia nas crianças. E elas, de uma certa forma, demonstravam um carinho diferenciado por ele.

Sobre o meu avô... ele era um homem muito gentil. Ele perdeu o pai e a mãe ainda criança. Meu bisavô e minha bisavó morreram numa epidemia, popularmente chamada de bexiga. Pela localização histórica, tudo indica que foi a peste da varíola, pois estourava toda a pele.

Comentam os mais velhos que as pessoas não conseguiam usar roupas e que tinham que deitar sobre a palha da bananeira. Nesse período, morreram tantas pessoas que os cemitérios não deram conta. Diziam que as pessoas foram enterradas nas matas. Meu avô foi criado por outra família. Sabemos pouco sobre essa família.

Uma das histórias tristes que minha vó viveu foi quando meu tio Pedro Raimundo, ainda criança, foi atropelado quando retornavam da festa de Nossa Senhora do Livramento. Por um instante, ficaram sem entender, porque ela estava segurando a mão dele. Quando ela entendeu que o carro havia batido nele, a princípio ficou desesperada e gritava: o carro matou meu filho. Mas, como uma mulher que sempre encontrava soluções para as mais diversas situações, pegou um lenço com o qual costumava andar e, imediatamente, colocou sobre o machucado bem sério na cabeça dele, colocou o meu tio nos ombros e se dirigiu apressada para a clínica do Dr. José Leal. Era um esforço muito grande para ela, tendo em vista que o menino já tinha perto dos 10 anos.

No meio do barulho que os observadores faziam, do esforço dela de carregar a criança, do seu choro, apareceu um homem vestido de branco que se prontificou em carregar meu tio. Chegando ao hospital, a notícia era que ele seria operado a cru, sem dar anestesia, até hoje não entendi o porquê. Minha tia Antônia Raimundo conta que meu tio gritava muito durante o procedimento e que ele teve as mãos e os pés amarrados. Após a cirurgia, deram um remédio que ele adormeceu. O médico, então, comunicou que ele havia sobrevivido e que estava

dormindo. Pediu que ela fosse para casa descansar um pouco.

No caminho para casa, ela chorava e ficava chateada, pois as pessoas diziam que sua criança havia morrido e também se perguntava quem seria aquele homem vestido de branco que surgiu da multidão e se dispôs a ajudar, pois vó reconheceu que não conseguiria sozinha e o rapaz, depois que chegou, deixou a criança, foi embora, sumiu. Então, ela o denominou de Anjo, enviado pela santa no dia dela. Minha vó ficou também surpresa porque o noivo da minha tia Severina ficou imóvel e não conseguiu ajudar diante da quantidade de sangue.

Apesar de ser essa mulher potente, respeitada por muita gente, pois também era benzedeira³, minha vó, como todas as pessoas, tinha as suas contradições. Na maioria das vezes, era dura. Mas ficava claro que sua dureza resultava da dureza da realidade com a qual ela teve que conviver todos os dias da sua existência, desde menina. O que era para uma mulher negra viver tão próximo ao fim da escravização? O que foi casar cedo? Cuidar dos/as filhos/as? Vó não está aqui para responder, mas podemos, a partir da observação da história, afirmar que não foi fácil.

Meu avô partiu antes dela, em 1986. Ela era tão articulada que organizou junto com os filhos e filhas o funeral e pouco se viu suas lágrimas, mas tinha tristeza. A vida exigiu tantas respostas imediatas que faltou tempo para viver e demonstrar suas emoções. A forma que ela tinha

³ Conheci pouco das benzeções, pois meus pais eram evangélicos e não permitia que vó nos benzesse.

de expressar carinho era cozinhando, provendo respostas às necessidades de todos/as.

Tive muitos enfrentamentos com minha avó, cujos ensinamentos eram repassados com dureza. Mas algo nela me atraía e eu queria estar perto, mas sempre acontecia algo que me entristecia. Vó me desafiava. Eu, mesmo menina, com pouca compreensão, enfrentava os desafios para dar alguma resposta a minha vó. Eu acho que muito do que hoje sou deve-se à relação que foi estabelecida com minha vó.

Guardo seu sorriso, seus passos apressados, o sabor das refeições, seu rosto que não demorava muito enraivecido... guardo nossa última conversa, com um pedido de desculpas e uma afirmação do bem querer que tinha por ela.

Vó partiu em 2000. Os povos bantus acreditam que os/as que partem, nem sempre são ancestrais. Os ancestrais são aqueles que nos afetam, que deixam uma contribuição efetiva, concreta. Vó, obrigada por contribuir com quem eu sou, eu carrego o que aprendi com a senhora. A senhora é uma das minhas ancestrais. Gratidão.

Essa mulher que era tantas em uma, merece descansar e ser lembrada pelos seus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do velho ao jovem

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.
(Conceição Evaristo)

Olhar para nossos velhos e nossas velhas e entender que suas rugas são escritas de um tempo, escutá-los(as) para decifrar o dito e o silenciado foi uma tarefa que nos arrancou lágrimas, indignação, lembranças agradáveis e muitos aprendizados.

As histórias aqui registradas são acontecimentos, que não queremos esquecer, pois elas nos lançam para uma aliança com os malungos e as malungas, que uma vez na mesma condição se unem, fortalecidos por essas e esses que vieram antes de nós.

Respeitamos cada história aqui narrada, cada memória e, assim, contribuir com o rebrotamento dessas memórias, no sentido de ofertar ao leitor(a) uma experiência que ultrapassa as barreiras do tempo.

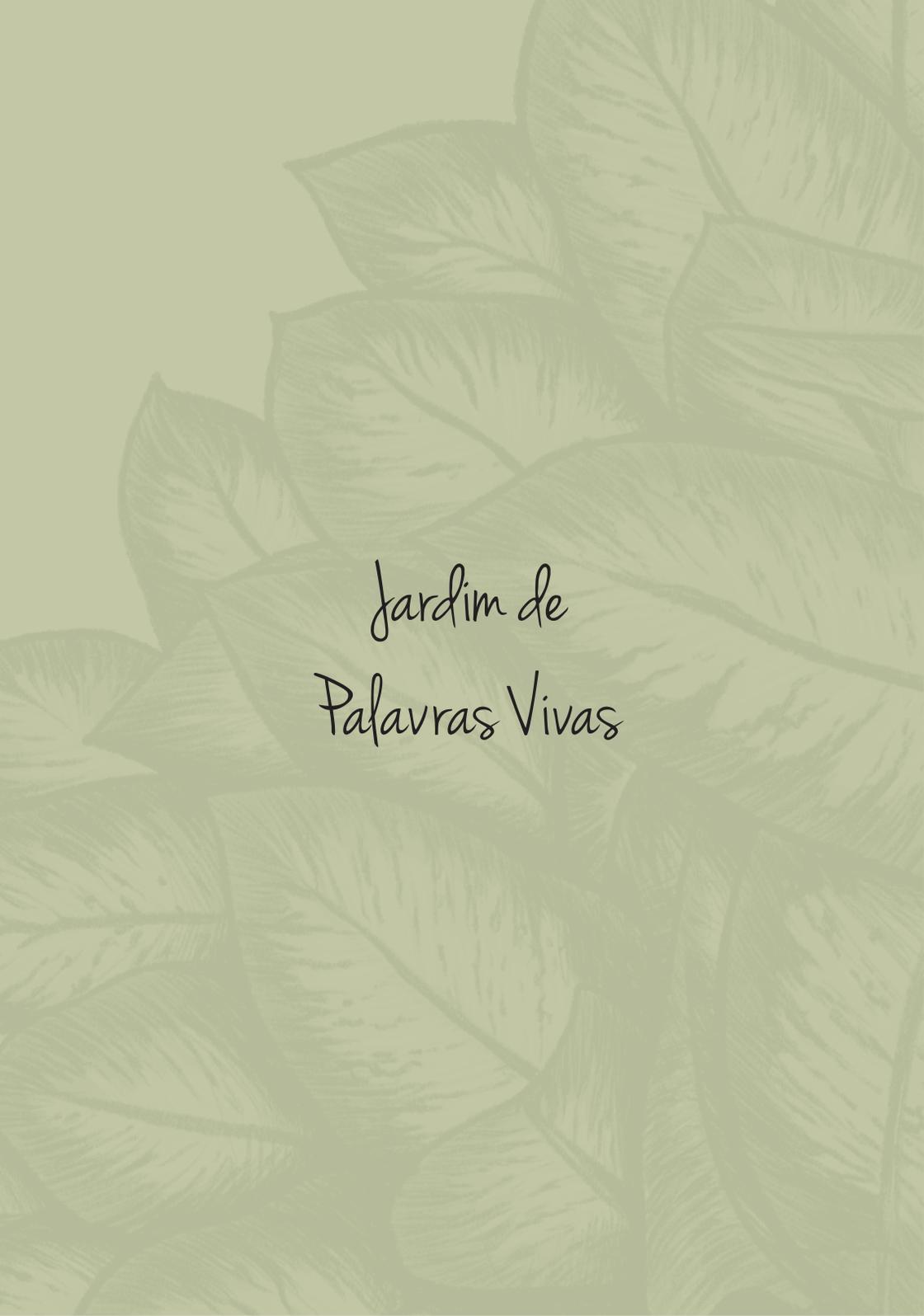
São histórias de luta, resistência, que combinam beleza, dores, ensinamentos e provocações para que suas

vozes, muitas vezes, silenciadas, encontrem em nós o eco, para dar continuidade as suas lutas e desejo de uma vida digna e plena de liberdade.

As diferentes histórias, fazendo uma analogia com o jardim, dada a sua composição diversa e plural, nos coloca diante de um importante indicativo, que mesmo todas essas pessoas vivendo numa estrutura racista, construíram sua singularidade, com suas especificidades e particularidades, o que tornou suas histórias únicas. Contudo, são histórias que se encontram, pois deixaram seus legados, ou seja, contribuições concretas, indeléveis, que o tempo nunca, jamais apagará.

Ao finalizar esta leitura, certamente haverá encontros com a força dos(as) nossos(as) ancestrais, que nos animará a seguir confiantes de que suas lágrimas e dores deixaram sementes que têm rebrotado em nós, afinal somos continuidade.

Valdenice Raimundo
Teresa Cristina Vital de Sousa
Delânio Horácio dos Santos
Cirlene Francisca Sales da Silva

The background of the page is a light green color with a pattern of overlapping, stylized leaves. The leaves are drawn with fine lines, showing their veins and edges. They are arranged in a way that creates a sense of depth and texture, filling the entire page.

Jardim de
Palavras Vivas

O Legado

Semente de Baobá brotou
Arvore mulher sustentou
Sombra, fruto, prosperou
Folhagem se expandiu
Raízes no chão fincou
Garantir, sabedoria, vivência
Corpo mulher consciência
Memórias vida Histórias
Velhas sábias repassando
Legado de uma existência.

Maria Lúcia Gomes dos Prazeres – 69 anos.
Nascida em 06/03/1953

Raízes ancestrais

A memória é como um site,
com Links especiais.
Se você clicar “família”,
Vai acessar mil portais.
Porém, o mais importante
É das raízes Ancestrais.

É bom publicar para o mundo,
Tirando de “Stand By”.
O amor que recebemos
Passado por nossos pais.
Fazendo jus a herança
Das raízes ancestrais!

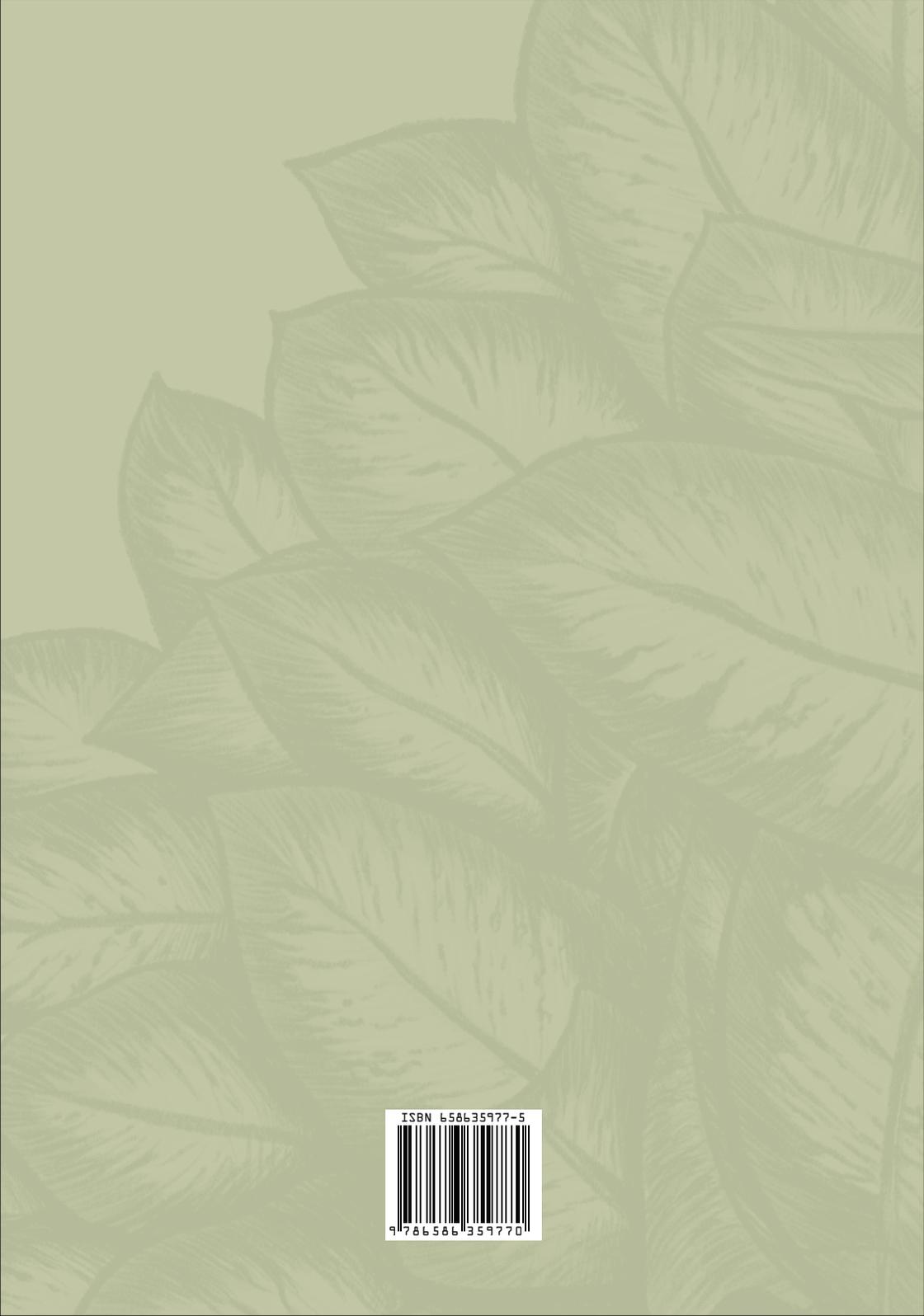
Aqui você tem histórias,
Narrativas sem iguais.
Mas cuidado a “terra é santa”!
Só leia se for capaz.
Os relatos são sagrados,
São das raízes ancestrais.

Para evitar memoricídio,
Nossos contos são formais.
Expondo o melhor que temos
E com direitos autorais.
Porque estamos falando
Das raízes ancestrais.

O “Ser” é mais que matéria.
Somos espirituais.
O “Nous” que em nós habita
Pneuma transcendental.
É a Ruah que nos sopra
Dons das raízes ancestrais!

Heranças que são divinas.
Multigeracionais.
Escritas para quem vem,
Numa resistência a mais.
Mantendo bem viva a chama
Das raízes ancestrais.

Ir. Rozário (Maria do Rozário Cláudio,
Nascida em 1947, 75 anos)



ISBN 658635977-5



9 786586 359770